

# 1. Introdução

## 1.1. Considerações Gerais: A Espiritualidade hoje

O tema desta tese é a teologia espiritual de Thomas Merton e suas implicações práticas diante dos desafios urgentes do mundo de hoje. Esse tema pertence à área de Teologia Sistemático-Pastoral, com ênfase na teologia da espiritualidade<sup>12</sup>. Espiritualidade cristã é a própria fé, enquanto faz a experiência da auto-doação de Deus em Cristo através do Espírito que une o Pai ao Filho e aos seres humanos, numa relação de amizade e intimidade esponsal. A espiritualidade cristã não é a negação da carne e da matéria, mas o dinamismo profundo da auto-transcendência. Não é dualista, mas profética, ecológica e comunitária.

O místico é alguém que descobriu a dimensão do sublime em Deus, nos seres humanos e na criação. A presença de Deus em todas as criaturas desperta cuidado e veneração ou, numa palavra: compaixão. Místico é alguém que penetrou na interioridade (*en-stasis*), a fim de descobrir o próprio Centro, vencendo a ilusão e a dispersão existencial, a superficialidade e o anseio consumista. Só assim é possível sair de si (*ex-stasis*) e desprender-se na abertura

---

<sup>12</sup> Entendemos aqui espiritualidade cristã como a experiência trinitária de Deus. Tem como características: a abertura à própria profundidade, permitindo tocar os alicerces do nosso ser, feito à imagem da Trindade; abertura aos outros (alteridade) em compaixão; abertura a Deus, *fontalis plenitudo, principium totius divinitatis*; e abertura à criação, reconhecendo a dimensão espiritual do universo. Cf., BETTO, Frei e BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. Rocco, 1994, p. 7. A espiritualidade cristã é trinitária, como desenvolve muito bem Helena Teresinha Rech, ao distinguir- O Pai, Fonte-Mãe, que nos inspira a “desenvolver a paixão pela vida e sua promoção, tanto no nível biológico, quanto espiritual, político, social, cultivando a memória de nossa origem e o sentido da existência humana. - O Filho, Deus humano-divino. Ele nos inspira a experienciar de modo harmonioso a filiação divina e a irmandade humana; a contemplação e a missão; a misericórdia e a profecia; a loucura da cruz e a segurança em quem se confia; a gratuidade e a práxis; o fracasso e a vitória pascal.- O Espírito Santo, amor interpessoal do Pai e do Filho, que nos inspira a viver na interioridade insondável de Deus e ser consolador(a) dos aflitos; deixar-se ungar com o óleo da missão e ser testemunha do amor interpessoal de Deus pela Palavra e pelo sangue; experienciar a contemplação militante e a libertação evangélica; a conversão permanente e a profecia diária; a justiça e a paz; a ternura e a profundidade; reavivar os ossos ressequidos (Ez 37,1ss) e as utopias sufocadas!” RECH, Helena Teresinha. A experiência cristã de Deus: Fundamentos Teológicos. *Atualidade Teológica*. v. 1 n. 2 jan/jun de 1998, p. 117-118. Rio- PUC.

ao outro em compaixão.<sup>13</sup> A compaixão implica em cuidado responsável pelo outro, em seu abandono, pobreza e exclusão. Assim a compaixão corrige e equilibra a mística: A experiência do encontro com o mistério de Deus não se dá unicamente na interioridade fechada, mas na exterioridade face a face com o outro.

Há também um êxtase de Deus, que sai de si para se encontrar com Sua criação e participar do sofrimento criatural (Ex. 3, 8). Jesus é a compaixão de Deus. Mística e compaixão se supõem e se complementam, na seguinte relação: a compaixão é o critério para verificar a autenticidade da mística, e esta é a alma daquela. Uma relação que pode ser assim formulada: *Nulla mystica sine compassione*. Eis em que consiste a espiritualidade!<sup>14</sup>

Destarte, a espiritualidade e a mística supõem o *ascensus hominis* e o *descensus Dei* na mística, e portanto, inspira o *descensus hominis* na compaixão. Contudo, a espiritualidade foi subestimada e compreendida erroneamente como “*fuga mundi*”, “*contemptus mundi*”, isto é, como pietismo desencarnado, ahistórico e atemporal. Ora, espiritualidade não é ramallete espiritual, composto do número de missas assistidas, rosários desfiados, penitências praticadas e renúncias voluntárias. Não é fuga do cotidiano. Pelo contrário, como expressa muito bem a monja beneditina norte-americana Joan Chittister, “a vida cotidiana é que fornece o tecido para a verdadeira santidade”<sup>15</sup>.

Agora a espiritualidade conhece um novo despertar e uma recuperação vertiginosa, após um relativo esquecimento. Merton é um dos protagonistas dessa recuperação. De fato, a espiritualidade está de volta, já a partir das últimas décadas do séc. XX. Veio com renovado entusiasmo e intensidade. Basta elencar alguns exemplos:

<sup>13</sup> MELLONI, Javier. *Itinerário hacia una Vida en Dios*. Barcelona: Cristianisme i Justícia, 2001, p. 9-10.

<sup>14</sup> Em forma de pergunta, o *Dicionário de Espiritualidade* nos dá uma definição muito bela e programática do que é espiritualidade: “Voltar à comunhão com Deus, viver em relação gratuita e dialogal com Ele, na leitura profética do real e com a feliz certeza de que Ele caminha ao nosso lado, não é, porventura, a experiência mais profunda que se possa conseguir nesse mundo?” FIORES, Stefano e GOFFI, Tullo (Orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1993, p. VII (doravante abreviado *DE*).

<sup>15</sup> CHITTISTER, Joan. *Sabedoria que brota do Cotidiano: Viver a Regra de São Bento Hoje*. São Paulo: Subiaco, 2004, p. 18. Nessa mesma obra a autora constata que o Concílio Vaticano II, corrigindo a visão do passado de que só monges e monjas podiam levar vida espiritual, reconhece o “chamado universal à santidade e a autenticidade da vocação leiga na Igreja”. (*Ibidem*, p. 19).

1) O reflorescer de espiritualidades tradicionais, como a beneditina<sup>16</sup>, a carmelita e a inaciana, o encontro entre as místicas judaico-cristã, sufi-cristã, hindu-cristã, e zen-cristã; 3) as espiritualidades centradas na criação, as espiritualidades dos movimentos de paz e justiça e, não por último, a espiritualidade que embasa a teologia da libertação, aqui incluídos os movimentos feministas questionando o patriarcalismo e machismo predominantes na sociedade, cultura e religião.<sup>17</sup>

Todo esse fermento anima a reinventar a espiritualidade no futuro e promete culminar numa vigorosa mística cristã no Milênio entrante, redescobrimo as riquezas da fé cristã, dialogando com as intuições da psicoterapia, abrindo-se para a mística das grandes religiões da humanidade, e, finalmente, redimensionando a nossa pertença ao universo,<sup>18</sup> e em especial ao Planeta Terra. Mas ainda sofremos com a separação entre teologia e espiritualidade, com a desconfiança frente aos místicos (que não poucas vezes foram perseguidos e marginalizados pelas instâncias oficiais da Igreja, para serem depois reabilitados).

Destarte, a volta da espiritualidade no Novo Milênio oferece-nos a motivação necessária para a presente pesquisa, que vai focar a vida e a obra de um místico da atualidade. O que nos levou a escolher esse tema é o fato de Thomas Merton ser um dos maiores mestres contemporâneos em teologia espiritual, tendo seus escritos levado milhares de pessoas a fazer a experiência do encontro com Deus sadia e profunda, sem dualismos. Sua espiritualidade é assim tão relevante por mergulhar fundas raízes na Bíblia Hebraica e no Evangelho, por redescobrir a rica mística beneditina e cisterciense dos primórdios (São Bernardo de Claraval), e enriquecê-la ainda mais com a mística posterior celta (Juliana de Norwich), entre outras.

---

<sup>16</sup> A espiritualidade beneditina é essencialmente para leigos e leigas, e também feita por um leigo. Eis a sua essência, descrita por Chittister; “É feita a partir da matéria bruta da vida comum de cada dia, Não assume grandes ascetismos e não promete grandes façanhas espirituais. Não exige grandes renúncias físicas e não dá grandes garantias místicas... *A Regra de São Bento* simplesmente toma a poeira e o barro de cada dia e torna-os belos”.(CHITTISTER, J. Op. Cit., p. 21).

<sup>17</sup> Em contrapartida a esse florescer da espiritualidade, surgiram movimentos fundamentalistas que, com seu fanatismo religioso, buscam se apegar a tradições do passado, supostamente ameaçadas. Os fundamentalismos cristão, judaico e muçulmano são responsáveis por grande parte da violência no mundo de hoje.

<sup>18</sup> CAPRA, Fritjof. *Pertencendo ao Universo: Explorações nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade*. São Paulo: CULTRIX, 1991.

Além disso, Merton encontrou inspiração no Concílio Vaticano II para fazer uma abertura ao mundo contemporâneo (da qual participam também os contemplativos), e um encontro fecundo com a cultura existencialista, que marcou todo o mundo do pós-guerra. A crescente redescoberta e reedição das obras de Merton comprovam o que acabamos de dizer sobre a volta da espiritualidade no mundo de hoje.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Em 1993 termina o silêncio auto-imposto por Merton de 25 anos após a sua morte (ocorrida em 1968), para a publicação de suas obras. A partir daí começa um intenso trabalho de edição e reedição, principalmente dos *Diários* de Merton, (de 1995 a 1999), abarcando desde os seus anos pré-monásticos (1939) até sua morte martirial em 1968. Os cinco volumes de *Correspondências* começam já alguns anos antes. Por sua importância, Os *Diários* merecem ser citados por primeiro: HART, Patrick (Org.) *Run to the Mountain: The Story of a Vocation*. v. 1. 1939-1941. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1995 (abreviado *RtM*). MONTALDO, Jonathan (Org.) *Entering the Silence: Becoming a Monk and Writer*. v. II, 1941-1952 (abreviado *EtS*). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1996. CUNNINGHAM, Laurence S. *A Search for Solitude: Pursuing Monk's True Life*. v. III. 1952-1960. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1996 (abreviado *SfS*). KRAMER, Victor A. *Turning Toward the World: The Pivotal Years*, v. IV. 1960-1963. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1996 (abreviado *TtW*). DAGGY, Robert E. *Dancing in the Water of Life: Seeking Peace in the Hermitage*. v. V. 1963-1965. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1997 (abreviado *DWL*). BACHEN, Christine M. *Learning to Love: Exploring Solitude and Freedom*, v. VI. 1966-1967. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1997 (abreviado *LtL*). HART, Patrick (Org.). *The Other Side of the Mountain: The End of the Journey, 1967-1968*. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1998 (abreviado *OSM*). HART, Patrick e MONTALDO, Jonathan (Orgs.). *The Intimate Merton: His Life from His Journals*. (abreviada *IM*). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1999 (traduzida ao português como: *Merton na Intimidade: Sua Vida em Seus Diários*. Rio de Janeiro: FISUS, 2001 (abreviada *MnI*). A obra de Merton surgida em português e lançada na Bienal do Rio em maio de 2003, traz orações e desenhos feitos por ele. Foi compilada por MONTALDO, Jonathan (Org.). *Diálogos com o Silêncio: Orações e desenhos*. Rio de Janeiro: FISUS, 2003. (abreviado *DS*). MONTALDO, J. e DIECKER, Bernardete (Orgs.). Em 2003 surge também a reedição da obra de SOUZA e Silva, Maria Emmanuel. *Thomas Merton: Um Homem Feliz*. Petrópolis: Vozes, 2003. Em 2004 surgem as seguintes traduções de Merton ao português. *Amor e Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004; *Sabedoria do Deserto*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Alem desses sete Diários supracitados, e de sua compilação em *MnI* (=IM), elencamos as seguintes obras de Merton, aparecidas a partir de 1993, tanto em inglês como em português: MERTON, T. *Ascensão para a Verdade*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Itatiaia, 1999 (abreviada *ApV*); MERTON, T. *Contemplation in a World of Action*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2001 (abreviada *CWA*); MERTON, T. *Montanha dos Sete Patamares*, A. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997 (abreviada *MSP*) (original *The Seven Storey Mountain*, abreviada *SSM*); MERTON, T. *Na Liberdade da Solidão*, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001; MERTON, T. *Novas Sementes de Contemplação*, 2ª ed. Rio de Janeiro: FISUS, 2001 (abreviada *NSC*); MERTON, T. *The Road to Joy: Letters to New and Old Friends*. DAGGY, Robert E (Org.). Nova Iorque: A Harvest Book. 1993, p. 348ss (abreviada *RJ*). MERTON, T. *Vida Silenciosa*, A. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002; MERTON, T. *The School of Charity: Letters*. HART, Patrick (Org.). Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1990 (abreviada *SCh*). MERTON, T. *Witness to Freedom: The Letters of Thomas Merton in Times of Crises*. SHANNON, William (Org.). Nova Iorque: A Harvest Book, 1995 (abreviada *WF*). MERTON, T. *The Courage for Truth: The Letters to Writers*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1993 (abreviada *CT*). MERTON, T. *The Hidden Ground of Love: The Letters of Thomas Merton on Religious Experience and Social Concern*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1993 (abreviada *HGL*). MERTON, T. *Faith and Violence: Christian Teaching and Christian Practice*, 6ª ed. Indiana: University of Notre Dame, 1994 (abreviada *FV*).

Sobre Merton destacamos as seguintes obras:

Atualmente parece haver uma grande desconfiança frente à religião como instituição, ao passo que mística enquanto caminho autêntico para Deus parece exercer um fascínio e uma atração cada vez maiores. Daí o interesse crescente pelas obras de Merton no mundo de hoje. Sua espiritualidade é sadia, capaz de criar em nós o assombro, a admiração e o enlevo diante do mistério sublime de Deus, da criação, e do ser humano. O assombro é o prelúdio do encontro com Deus, e possibilita perceber a dignidade das criaturas e a bondade divina nelas refletida, bem como o empenho por preservar essa dignidade quando violada e escamoteada.

Por isso a espiritualidade mertoniana é essencialmente libertadora, unindo mística e profecia. Expõe os grandes problemas do mundo à luz do projeto libertador de Deus e de Seu Reino, denunciando as mazelas, como a canonização da violência, a injustiça sócio-econômica, de gênero e ecológica. Assim, Merton inspira uma espiritualidade de resistência aos poderes opressores, e de solidariedade com as vítimas da prepotência e injustiça (mulheres, negros, índios, marginalizados e, não por último, a própria natureza/criação). Ele nos inspira a reinventar a espiritualidade para o mundo globalizado de hoje, realçando a dimensão espiritual do universo.

---

*Merton and Hesychasm: The Prayer of the Heart.* Louisville: Fons Vitae, 2003 (abreviado *MH*).  
*Merton and Judaism.* Louisville: Fons Vitae, 2001. (abreviado *MJ*). BAKER, Rob (Org.) e GRAY, Henry. *Merton and Sufism.* Louisville, KY: Fons Vitae, 1999 (abreviada *MS*); FINLEY, James. *Merton's Palace of Nowhere: A Search for God through Awareness of the True Self*, 10a ed. Indiana, Notre Dame: Ave Maria Press, 1999; CUNNINGHAM, Laurence S. *Thomas Merton and the Monastic Vision.* Grand Rapids, Michigan: Wm B. Eerdmans Publishing Co, 1999 (abreviada *MV*); CUNNINGHAM, L. (Org.) *Thomas Merton Spiritual Master.* Nova Iorque: Paulist Press, 1992 (abreviada *TMSM*); HAASE, Albert. *Swimming in The Sun: Discovering The Lord's Prayer with Francis of Assisi and Thomas Merton.* Cincinnati: St Anthony Messenger Press, 1993; INCHAUSTI, Robert. *Thomas Merton's American Prophecy.* Albany: State University of New York Press, 1998; MOTT, Michael. *The Seven Mountains of Thomas Merton.* Nova Iorque: A Harvest Book, 1993 (abreviado *SMTM*); SHANNON, William. *Thomas Merton's Paradise Journey: Writings on Contemplation.* Cincinnati: St Anthony Messenger Press, 2000 (abreviada *PJ*); SHANNON, W. (Org.) *Passion for Peace: The Social Essays.* Nova Iorque: The Crossroad Publishing Company, 1997 (abreviada *PfP*); SHANNON, W. *Silent Lamp: The Thomas Merton Story.* Nova Iorque: Crossroad, 1996 (abreviada *SL*); SHANNON, W. *Something of a Rebel.* Thomas Merton His Life and Works: An Introduction. Cincinnati: St Anthony Messenger Press, 1996 (abreviada *SoR*); WAAL, Esther de. *Seven Day Journey with Thomas Merton.* Michigan: Servant Publications, 1992; WAAL, E.. *The Way of Simplicity: The Cistercian Tradition.* Nova Iorque: Orbis Books, 1998.

## 1.2. Relevância

A relevância de Merton fica evidente pelo que dissemos anteriormente sobre o despertar da espiritualidade no mundo de hoje e a influência que ele exerceu e exerce neste contexto. A redescoberta e reedição das obras mertonianas acima elencadas mostram que ele é mais relevante hoje do que quando vivia. É um dos teólogos mais importantes desde a segunda metade do século XX, porque busca romper a dicotomia entre o religioso e o profano, o natural e o sobrenatural, a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens. Ele é um semeador de esperança para o Terceiro Milênio. Como vimos, Merton entende a mística como a experiência do encontro com o mistério de Deus (cuja presença imediata podemos saborear, e nos mostra o itinerário que leva até Ele), com o mistério do ser humano (envolto na ilusão do falso eu e buscando libertar-se para encontrar o verdadeiro eu, à imagem e semelhança de Deus, *imago Dei, imago Christi, imago Trinitatis*)<sup>20</sup>, e com o mistério da criação, morada de Deus e dos humanos.

A relevância de Merton para a América do Norte reside no fato de ele ter sido precursor da espiritualidade da paz, macroecumênica e feminista. Foi o primeiro padre católico a denunciar a violência endêmica no país, a obscenidade da guerra do Vietnã e a condenar o uso da bomba atômica numa suposta guerra justa. Ele representa assim o ponto mais alto da cultura católica de sua época. Com sua autobiografia tornou acessíveis aos contemporâneos as riquezas da espiritualidade cristã, isto é, da vida em união com Deus, fazendo da vocação à vida consagrada uma forma glamorosa de vida. Os seminários e mosteiros se encheram de candidatos e postulantes. Foi preciso ampliar as instalações e construir outros edifícios imensos, hoje vazios e servindo como casas de retiro.

Para a América Central e do Sul, a relevância de Merton reside no fato de ter redescoberto a mística como um elemento da religião profética. Unindo mística e profecia, ele se tornou precursor da espiritualidade da libertação latino-americana. Destarte, Merton empenha-se arduamente, por um lado, em defender a transcendência divina (*via apofática*), negando a manipulação da divindade seja mediante a sociedade, a cultura ou a religião (em especial mediante os nacionalismos pretensamente cristãos, que usam Deus para esconder interesses

---

<sup>20</sup> MERTON, T. *In The Image of God*. CD AA 2135.

econômicos e hegemônicos, satanizando o “inimigo”). Por outro lado, ele afirma a presença divina na criação (*via katafática*), jardim que inspira o cuidado, e onde o próprio Deus sente delícias em morar<sup>21</sup>.

Seu pensamento é existencial, no sentido de que sua espiritualidade envolve o ser humano inteiro na relação com Deus. Para ele, unicamente no encontro existencial com Deus o ser humano adquire sua identidade e liberdade. Um tal pensamento encontra ressonâncias profundas em nossos contemporâneos, pois apresenta Deus não como anulação do humano, mas como garantia da liberdade e felicidade humanas.

Não por último, a grande relevância de Merton reside no fato de mostrar que Deus deve ser buscado, não em experiências extraordinárias, como visões, audições e consolações, mas no seguimento de Jesus no anonimato e escondimento da vida e trabalho cotidianos, em resistência à cultura de morte e em solidariedade com os excluídos e marginalizados de um sistema injusto e cruel. Assim nos dispomos a acolher o Reino de Deus, consagrando o tempo presente, e preparando messianicamente a sua vinda. Destarte, a vida cotidiana alcança um significado inaudito, pois é nela que se dá o encontro com Deus que acaba irradiando-se também para o mundo.

Mertou mostrou que mística ou contemplação é um itinerário aberto a todos e não privilégio de uma elite; que subir a montanha de Deus deve ser um convite a todos nesse milênio entrante, alargando o coração e introduzindo uma dimensão nova e mais plena em seu ser, e uma melhor qualidade de vida; e, que sem a contemplação a vida humana se torna vazia, superficial e estéril. Ele deixou claro que a experiência de Deus só pode acontecer quando Deus mesmo abrir os segredos de nossa verdadeira identidade e Se revelar. Não é fruto de práticas ascéticas, rituais ou litúrgicas, mas *dom total*. Não só monges, mas pessoas bem alheias ao mosteiro sentem-se tocadas pelos escritos mertonianos e destinatárias da mensagem que ele tem a dar.

Resumindo, podemos dizer que a relevância de Merton reside no fato de mostrar que a mística que não se transforma em compaixão pelo mundo, - em especial pelas vítimas da violência e da injustiça, - é vazia e estéril. O Eremita de Gethsemani converte-se, então, em precursor da espiritualidade da libertação, e

---

<sup>21</sup> MERTON, Thomas. O Bailado Geral: *Novas Sementes de Contemplação* (NSC). 2a ed. Rio de

num ícone para milhares de pessoas que ontem como hoje, sentem-se atraídas pelo mistério de Deus, dos humanos e da criação.

### 1.3.

#### **Objeto formal e material:**

FORMAL: A espiritualidade do seguimento de Jesus em Thomas Merton, unindo mística e compaixão, ou seja: a dimensão contemplativa da vida humana, subindo a montanha de Deus, e a dimensão ativa, representada pela compaixão como abertura ao mundo do humano e da criação (mundo/universo), descendo a montanha movido por solidariedade para com todas as criaturas.

MATERIAL: Thomas Merton e sua espiritualidade místico-compassivo-profética, tal como foi vivida, escrita, estudada, analisada, e condensada nos seus cinco volumes de *Correspondências* (CT, HGL, SCh, RJ e WF) e nos seus sete *Diários*, recentemente publicados, com preferência para as três obras seguintes e aquelas nelas citadas: *A Search for Solitude: Pursuing the Monks True Life* v. III (1953-1960), (abreviado SfS); *Turning toward the world: The Pivotal Years* v. IV (1960-1963) (abreviado TrW), *Dancing in the Water of Life: Seeking Peace in the Hermitage*.v.V(1963-1965). DAGGY, Robert (Org.). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1998 (abreviado DWL).

### 1.4.

#### **A hipótese**

Intuímos que Merton empenhou-se com toda a honestidade para, à luz do relato evangélico sobre Marta e Maria e do lema beneditino *Ora et Labora*, buscar o equilíbrio entre contemplação e ação, rompendo a dicotomia entre claustro e mundo, na esteira de São Bernardo de Claraval (e, por extensão, o dualismo entre corpo e alma). Por isso a vida e o pensamento mertonianos podem ser paradigmáticos para os cristãos e não- cristãos do Novo Milênio, com uma visão planetária, ecológica e nuclear, e em particular para os cristãos da América Latina, para os quais ele é ícone, um mestre de espiritualidade e o precursor da teologia e

da espiritualidade da libertação, por unir mística contemplativa e um radical compromisso social.

Nossa hipótese é que a vida e a obra de Merton podem ser paradigmáticas para o mundo atual, por vencer, de um lado, uma espiritualidade alienante; e, de outro, um ativismo estéril e estressante, cuja presença ele percebe e denuncia não só na sociedade americana em geral, mas também dentro do Mosteiro, (suas nefastas conseqüências já são sentidas no mundo inteiro). Daí a importância da compaixão, que passou da periferia para o centro teológico, frente às incontáveis vítimas de um mundo cruel e injusto. Aqui compaixão é um conceito polissêmico, que pode ser melhor explicado por outros conceitos correlatos, como justiça, ternura, piedade, solidariedade, caridade, misericórdia e amor.

Supomos que essa fecunda união entre contemplação e ação tem ainda relevância para o século XXI, em que a religião deve ser também mística. Supomos ainda que em Merton não há confusão, mas articulação de ambas, vale dizer: entre contemplação e ação, vida espiritual e compromisso social, vida interior e apelos exteriores, sagrado e secular, ser e agir.

A maneira pela qual nos propomos trabalhar o pensamento de Merton é rastrear sua evolução espiritual. Queremos saber como ele chegou ao equilíbrio entre contemplação e ação, desde a sua chegada ao Mosteiro Trapista de Nossa Senhora de Gethsemani, no Kentucky, EUA, em 1941, até à sua morte prematura e martirial em 1968 em Bangcoc, na Ásia, onde foi como peregrino e aprendiz das grandes intuições religiosas da humanidade.

Queremos mostrar que nele, quanto maior era a interioridade, maior era a abertura. Queremos mostrar também que os valores monásticos que ele propõe não são elitistas. Por serem tão somente os valores evangélicos da fé, esperança e caridade vividos com radicalidade, podem e devem ser vividos inclusive no mundo de hoje, mesmo fora dos limites claustrais.

Resumindo, intuimos que na fome generalizada por espiritualidade hoje, Merton é capaz de oferecer recursos para sustentar a busca de Deus. Pois sua mística contém o sabor da eterna novidade do Evangelho, é profético-crítica, existencial, e tem caráter comunitário. A relevância do tema decorre então de sua atualidade. Não por último, intuimos ser Merton o precursor da espiritualidade da libertação latinoamericana, no duplo movimento de subir para Deus e descer ao mundo humano.

A mística mertoniana influenciou nossos mais notáveis teólogos (Cardenal, frei Betto, Leonardo Boff, dom Helder Câmara, dom Pedro Casaldáliga, entre outros) numa tríplice direção: como espiritualidade de resistência frente aos poderes geradores de violência e exclusão, como espiritualidade de solidariedade com as vítimas e excluídos e como espiritualidade da criação (a maior vítima da agressão e exploração, em sua condição de fragilidade e vulnerabilidade).

Assumimos aqui uma perspectiva sistemática que ainda não foi analisada, visando trilhar caminhos novos na relação entre contemplação e ação, ou seja: mística e compaixão, tendo como horizonte a realidade latino-americana e a leitura do real feita por alguns dos maiores representantes da teologia e da espiritualidade da libertação.

## **1.5. A Problemática**

O problema que envolve o tema está expresso em forma de algumas perguntas relevantes do ponto de vista teórico e prático, assim formuladas:

Que significa viver a espiritualidade do seguimento de Jesus no mundo de hoje, na radicalidade da fé, esperança e amor, em resposta à nossa vocação cristã, tal como viveu Merton?

Como integrar contemplação e ação, sem cair numa espiritualidade alienante, nem num ativismo estressante? Como reconciliar a dimensão de espiritualidade com a dimensão do serviço?

Como a compaixão, tal como vivida concretamente por Merton, pode se desdobrar hoje em suas dimensões de serviço eficaz em favor da humanidade no combate à fome, na promoção da justiça, da paz, e da integridade da criação?

Como trilhar hoje o itinerário agostiniano franciscano de Merton, que a vida inteira mostrou admiração, assombro e um cuidado responsável por todas as criaturas?

Como a dimensão feminina de Deus- desenvolvida em Merton pelo encontro com Dorothy Day, Catherine de Hueck Doherty, Juliana de Norwich e Rosemary Ruether Radford - pode ser resgatada hoje na Igreja e no mundo?

Como viver concretamente a resistência cristã não violenta em resposta à canonização da violência como solução aos conflitos internacionais?

Que significa caminhar com Deus num mundo cada vez mais frágil, depois dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e da reação desproporcional que se seguiu com a Guerra do Iraque?

Quais são as questões espirituais mais importantes hoje, e que formas de espiritualidade são as mais adequadas para responder a elas?

Que palavra significativa têm a dizer ao mundo de hoje os contemplativos, especificamente no contexto latinoamericano?

Como manter uma atitude profética e contracultural frente à sociedade tecnológica do consumo e da satisfação imediata, e frente a uma cultura do aqui e agora, norteadas pela TV e seus apelos inimigos da contemplação? Em outros termos, qual é a relação entre mística e profecia? Entre espiritualidade, compaixão e ecojustiça?

Como, enfim, convencer a humanidade atual de que Deus não é a anulação do ser humano, mas a garantia de sua liberdade, e que a espiritualidade é capaz de aportar uma melhor qualidade de vida?

## **1.6. Objetivos**

Por tudo o que dissemos até aqui, podemos concluir que o objetivo *geral* da presente tese é apresentar Merton, no contexto norte-americano, como um dos precursores da espiritualidade da paz, feminismo e macroecumenismo; e na América Central e do Sul, como um dos precursores da espiritualidade da justiça e ecojustiça, isto é, da teologia da libertação latino-americana em suas diferentes vertentes: enquanto espiritualidade de resistência, de solidariedade e da criação. Vamos abordar sua vida e obra, registrada em especial nos seus *Diários*, bem como nas *Correspondências*, na medida em que trazem um aporte imprescindível para a vivência da espiritualidade no mundo de hoje. Entre os objetivos *específicos* elencamos os seguintes:

- Mostrar que Merton faz teologia como na Igreja dos primórdios, em que não havia separação entre labor teológico e espiritualidade. Espiritualidade sem teologia é *New Age*. Teologia sem espiritualidade é fundamentalismo e racionalismo. Merton fez a feliz síntese entre contemplação e ação, através do conceito de compaixão, que articula a interdependência de tudo

com tudo, numa tríplice abertura: a Deus, aos humanos e à criação. Em Merton há uma conjunção entre teologia enquanto reflexão sistemática e enquanto experiência profunda de Deus, vale dizer, entre teologia e espiritualidade, despertando para a ação compassiva pela humanidade e por todas as criaturas. Para ele a mística é a teologia primeira, especialmente em sua dimensão litúrgica. Primeiro se celebra a fé e depois se reflete sobre ela. Destarte, ele criticaria as banalidades da Nova Era, assim como uma espiritualidade desencarnada e um ativismo meramente político, sem transcendência.

- Provar que a teologia do seguimento de Jesus em Merton tem um caráter contracultural. A vocação monástica, sacerdotal e eremítica que ele seguiu em resposta ao chamado de Deus significa uma crítica ao individualismo, conformismo e ilusão da sociedade, cultura e religião atuais, bem como uma volta às fontes da espiritualidade cristã no deserto.

### 1.7. Metodologia

O método que vamos seguir no presente trabalho decorre da própria natureza do assunto a ser abordado. Em se tratando de mística, são dois os componentes básicos: Deus, que toma a iniciativa de se auto-doar (*mensagem*) e o ser humano, em sua pertença ao universo/criação, destinatário, receptáculo e objeto desse amor, encontrado em sua condição existencial (*situação*). É um método dialético, que supõe os dois pólos em confronto recíproco: a mensagem e a situação.

Destarte, o método que vamos seguir pode ser chamado de “método de correlação”.<sup>22</sup> Pois apresenta as perguntas implícitas na cultura, sociedade e

---

<sup>22</sup> O método de correlação é usado por Paul Tillich, (cf., TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas e São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 57-62), amigo e correspondente de Merton, a quem cita em suas obras. O método consiste numa elipse formada por dois pólos: um é a **situação**, vale dizer, o mundo com sua agenda de problemas, questões e interpelações que desafiam a teologia e a espiritualidade. O outro pólo é a **mensagem** cristã, que só é relevante se vier ao encontro a essas grandes interpelações. De fato, encontramos ao longo das obras de Merton sua tentativa honesta de contribuir, mediante a voz (conferências, preleções) e a escrita, enquanto formador de opinião, à solução dos grandes problemas da humanidade (violência, injustiça sócio-econômica, de gênero e ecológica, bem como os fanatismos religiosos). Sua resposta a esses três maiores problemas - que resumem todos os demais - foi, respectivamente, seguir o caminho evangélico da não violência, viver a solidariedade e instar a Igreja a mediar o caminho do diálogo

religião atuais, com os seus gravíssimos desafios, e busca dar-lhes resposta à luz da espiritualidade cristã. Merton explicita claramente o método ao elencar, por um lado, a *situação do mundo atual*, com as suas grandes mazelas, que os cristãos devem combater. Ele as enumera: a guerra, a injustiça social e racial e o fanatismo.<sup>23</sup> Por outro lado, ele apresenta sua *mensagem* como o empenho pelo bem, que ele chama de “correlato” a esses males. Ele enumera: a busca da paz, da justiça nas relações internacionais, incluindo a ajuda aos países subdesenvolvidos, e a reforma agrária.<sup>24</sup>

Vemos na figura e na espiritualidade de Thomas Merton o paradigma da atitude cristã frente à hora presente. Homem de seu tempo, deu respostas ainda hoje válidas, pois a situação do mundo atual, com seus problemas desde então não só continua a mesma, mas também se agravou, levando a humanidade à beira do suicídio coletivo. A mensagem mertoniana brilha hoje com nova luz. Assim, à luz do método escolhido, o presente trabalho divide-se em três partes, cada uma com três capítulos, totalizando nove capítulos ao todo:

Na PARTE I apresentando Merton, analisaremos no Capítulo primeiro, o contexto histórico, cultural, e eclesial em que Merton viveu. Unicamente inserindo-o no contexto mais amplo isto é, no período de grande violência entre as duas grandes guerras mundiais, bem como no período da Guerra Fria, poderemos avaliar sua grandeza e a originalidade de seus escritos. O contexto cultural é marcado pela filosofia existencialista e pela filosofia da não violência de Gandhi. O contexto social é marcado por crescentes injustiças nas relações internacionais, pelo desequilíbrio entre Norte e Sul e por fanatismos. O contexto eclesial é marcado pelo intenso movimento de renovação litúrgica no período pré-Vaticano II e pela renovação da Igreja que o Concílio trouxe em sua *abertura ao mundo*. Vamos analisar sua vida, conversão e obras, para destacar depois alguns críticos de seu pensamento.

No capítulo segundo analisaremos as influências recebidas por Merton, as bases filosófico-teológicas de seu pensamento, o itinerário espiritual que ele

---

na solução dos conflitos internacionais, mediante os fóruns *ad hoc*, e abrir-se às intuições místicas das grandes religiões da humanidade, (particularmente ao zen-budismo), superando assim os fanatismos, fundamentalismos e a manipulação da religião e de Deus para fins diabólicos, com interesses hegemônicos e imperialistas.

<sup>23</sup> MERTON, T. *The Road to Joy: Letters to New and Old Friends*. DAGGY, Robert E. (Org.). Nova Iorque: A Harvest Book, 1993, p. 348ss. (RJ).

seguiu através da via katafática e apofática (isto é, pela via exterior da criação, pela via interior da alma, e pela via superior da eminência de Deus). No capítulo terceiro abordaremos sua evolução espiritual, de simples monge a um dos maiores mestres de espiritualidade no mundo atual. Destacaremos o encontro com São Bernardo de Claraval, um dos Pais de Cister, considerado o segundo fundador da Ordem Cisterciense na qual Merton ingressou em 1941 e permaneceu até sua morte em 1968. A seguir o encontro com Juliana de Norwich, cuja mística abriu-o para a dimensão feminina de Deus. O terceiro encontro, depois da experiência de conversão à compaixão em 1958, foi sua volta ao mundo, que Merton tinha deixado para trás ao ingressar no mosteiro. É o mundo de violência, injustiça e fanatismos.

Na PARTE II, aprofundando Merton, passaremos a analisar os três conceitos-chave do pensamento mertoniano que norteiam a nossa tese: O primeiro conceito é *mística*. Significa abertura para Deus. Queremos mostrar no Capítulo quarto as suas dimensões bíblicas, cristológico-trinitárias e litúrgicas. O segundo conceito é *compaixão*, entendida como o fruto mais maduro da mística e do seguimento. No Capítulo quinto abordaremos a compaixão em Merton como abertura ao mundo no afã de promover a paz e a justiça. A compaixão tem também uma dimensão macroecumênica, à qual apenas aludiremos.<sup>25</sup> O terceiro conceito é *seguimento*, que é a forma concreta como ele respondeu à sua vocação cristã. No Capítulo sexto desdobraremos a tríplice resposta de Merton à sua vocação, a saber: como monge, sacerdote e eremita (*hesicasta*), que fez da voz e da escrita instrumentos para denunciar profeticamente o mundo atual, particularmente a sociedade, a cultura e a religião norte-americanas.

Na PARTE III, atualizando Merton, analisaremos no capítulo 7, o legado mertoniano para hoje. No tocante à América do Norte, destacamos a espiritualidade da paz como resposta à violência da “Babel armada de Bombas”

---

<sup>24</sup> RJ 349.

<sup>25</sup> A presente tese precisa manter-se dentro de limites razoáveis. Por isso, a abertura ecumênica e macroecumênica em Merton, por mais relevantes que sejam, não serão abordadas aqui senão de passagem, pois ultrapassaria o argumento de nossa tese. Apenas na PARTE III abordaremos melhor a relação entre Merton e o zen-budismo, ao tratar do Encontro de Gethsemani em 1996 entre monges cristãos e budistas. Para um ulterior aprofundamento da espiritualidade macroecumênica em Merton remetemos às seguintes obras principais: *MJ*, *MH*, *MS*.

(Ernesto Cardenal),<sup>26</sup> bem como a espiritualidade feminista e a espiritualidade macroecumênica (o Encontro de Gethsemani entre monges cristãos e budistas em 1986). A seguir abordaremos a relação de Merton com a América Latina. Em primeiro lugar com Ernesto Cardenal, ex-noviço em Gethsemani, para quem ser contemplativo em nosso continente significa ser revolucionário. A seguir mencionaremos a relação de Merton com o Brasil (que ele tanto amava e admirava), e com cujos escritores ele se correspondia. No Capítulo 8 abordaremos a teologia e a espiritualidade da libertação, em suas três vertentes que nos parecem atuais, a saber: como espiritualidade de resistência, de solidariedade, feminista e ecológica, apresentando Merton como um de seus precursores, em conformidade com o nosso objetivo geral e argumento desta tese. No capítulo 9, retomando o percurso feito, apresentaremos à luz da mística mertoniana, algumas perspectivas atuais e futuras da espiritualidade. Propomos, à luz do legado e da inspiração de Merton, reinventar a espiritualidade para o mundo globalizado de hoje, levando em conta a nossa pertença ao universo.

Contudo, seria expressão de *hybris* supor que o método a ser usado aqui seja a solução de todos os problemas apresentados à teologia e à espiritualidade hoje. Nenhuma pessoa isoladamente conseguiria realizar uma tal tarefa no mundo atual tão complexo. Contudo, apesar das limitações, esse trabalho quer ser uma contribuição, ainda que mínima, à reflexão teológica e prestar um serviço, ainda que modesto, à nossa amada Igreja do Brasil. Se não atingir seu objetivo, terá valido a intenção e a busca sincera e intensa, no país e no exterior, das melhores fontes disponíveis até o presente nas obras de Merton, sobre Merton, bem como na bibliografia complementar.

Quanto às **fontes**, destacamos a concentração nas três obras anteriormente elencadas dentre os sete *Journals* de Merton (*SfS*, *TtW* e *DWL*), bem como as *Correspondências*, (*CT*, *HGL*, *RJ*, *SCh*, *WF*); e também o conjunto das obras mertonianas como pano de fundo; as preleções no mosteiro (gravadas de viva voz),<sup>27</sup> multimídia, (microfilmes do jornal *The Catholic Worker*, fundado por

---

<sup>26</sup> CARDENAL, Ernesto. *Salmos*. Ávila, Espanha: Institucion Gran Duque de Alba, 1967. (Tradução ao inglês: *Psalms of Struggle and Liberation*. Nova Iorque: Herder and Herder, 1971).

<sup>27</sup> São mais de 150 **cassetes** e **CDs**, entre os quais destacamos: AA2461 *Bangcoc Conference, The*; AA2075 *Beauty is from God*; CD # 45 *Background to St Benedict's Rule: Early Centuries of*

Dorothy Day em 1933 até 2004. Até hoje esta é a mais potente voz profética na Igreja católica dos EUA. Merton era o seu mestre e muito contribuiu para esse jornal, juntamente com Daniel Berrigan e seu irmão Philip, Dom Helder Câmara e Paulo Freire).

As **fontes** estão disponíveis nas Bibliotecas: da PUC-Rio, do ITF (Instituto Teológico Franciscano) em Petrópolis, do Mosteiro da Virgem em Petrópolis, do Mosteiro Trapista N. Sra do Novo Mundo em Campo do Tenente no Paraná, da Abbey of Our Lady of Gethsemani em Kentucky, EUA (e também mantendo importantes diálogos com o ex-secretário de Merton, Brother Patrick Hart, ainda vivo, editor da obra mertoniana, bem como ouvindo o depoimento de vários ex-noviços de Merton no mesmo mosteiro, como Brother Paul Quenon); na Arquibadia de Saint Meinrad – Indiana, com sua imponente biblioteca e monges também contemporâneos de Merton; na Sociedade dos Amigos Fraternos de Thomas Merton do Rio do Janeiro (à qual pertencemos); no Thomas Merton Studies Center em Louisville, Kentucky, EUA (onde passamos um ano fazendo o doutorado-sandwiche entre 2003 e 2004, sob a co-orientação do Dr. Paul Pearson, diretor do referido Centro).

Na Internet encontramos um vastíssimo material, disponível particularmente nos sites seguintes:

[www.merton.org](http://www.merton.org)

[www.mertonfoundation.org/](http://www.mertonfoundation.org/)

[www.thomasmertonsociety.org](http://www.thomasmertonsociety.org)

[www.monks.org](http://www.monks.org)

[www.thomasmertoncenter.org/](http://www.thomasmertoncenter.org/)

[www.merton.ca/links.php](http://www.merton.ca/links.php)

---

Monasticism. AA2245 *Cross: Victory over Death, The; Justice and Love of God*, AA2457 *The; Justice for All Creatures*; AA2135 *In the Image of God*; AA2081 *Introduction to Church Fathers*; TM12 *Life and Celebration*; TM4; *Life and Contemplation Life and Work; Life and God's Love*; TM 2 *Life and Prayer; Life and Prophecy; Life and Solitude* TM 8; *Life and Truth* TM7; *Mystic Life* v. I-VII; *Modern Cult of Efficiency, The* AA2101 *Natural Contemplation*; AA2070 *Our Father: Perfect Prayer*; AA2072 *Prayer and the Active Life*; AA2236 *St Augustine* (Parte I); AA2236 *Saint Augustine* ((Part II) *St Thomas*; AA2267 *True and False Self*; AA2228 *Vow of Conversation, The*;

Entre os **VIDEOS** merecem destaque:

WILKES, Paul e GLYNN, Andrey L. *Merton Film Biography*. VHS video (entrevistas com o Dalai Lama, Joan Baez e com monges e amigos que conheceram Merton); VVAA. *Taste of Gethsemani* (por cinco monges ex-noviços de Merton). PADOVANI, Anthony. *Winter Rain: Six Images of Thomas Merton*. BOCHEN, Christine (Org.). *Women who knew Merton*.

[www.merton.org/Research/othercollections.htm](http://www.merton.org/Research/othercollections.htm)

Não passa um ano sem que ocorram diversos eventos e sejam publicadas obras sobre Merton. Para os próximos anos já estão agendadas as seguintes publicações de peso, entre outras: *Merton and Taoism*, *Merton and Buddhism*, *Merton and Protestantism*. (Todas pela Editora Fons Vitae de Louisville, KY). Entre os eventos, destacamos para dezembro de 2004 a palestra de Deignan Kathleen “*My Name is that Sky: A Celebration of Thomas Merton’s Creation Spirituality in Word and Song*”. O próprio tema aponta para perspectivas futuras da espiritualidade, a saber: a dimensão espiritual do universo, tão urgentemente requerida.

### 1.8. **Status quaestionis (Revisão Bibliográfica)**

A seguir analisaremos as obras mais importantes de e sobre Merton, buscando nelas o fio condutor que perpassa todo o presente trabalho, para confirmar nossa hipótese, objetivo e metodologia. É o seguinte o estado da questão no tocante à bibliografia mertoniana:

A obra mais conhecida de Merton é sua auto-biografia, intitulada: *A Montanha dos Sete Patamares (The Seven Storey Mountains)*. É um dos maiores “*best-sellers*” de todos os tempos. Nela relata com toda a honestidade intelectual sua trajetória conturbada até encontrar seu lar neste mundo, que foi a entrada no mosteiro Trapista de Kentucky, EUA, em 10 de dezembro de 1941, depois de ter vivido sem rumo e sem sentido.

Relata também o impacto causado em sua vida pré-monástica e monástica pela figura e obra de duas mulheres: Dorothy Day e a baronesa russa Catherine de Hueck. Elas cuidavam dos pobres abandonados e sem teto em Nova Iorque. Fundaram o movimento *The Catholic Worker*, que publica até hoje um jornal bimensal, como dissemos anteriormente, e cujo público alvo eram os desempregados e os sem teto<sup>28</sup> (CW). Elas uniam uma intensa piedade pessoal

---

<sup>28</sup> Destacamos alguns tópicos e autores: BERRIGAN, Philip. A Priest in the Resistance. CW. Fev/1972, p. 1,3,8; CÂMARA, Helder. A Bishop calls for Action. CW dez/1972, p. 1,3; MERTON, T. Thomas Merton Social Critic: CW fev/1973, p. 8; .Advise to a Young Prophet. jan 1962, p. 4; The Shelter Ethic, CW nov/1961 v. 28 n. 4, p. 1, 5; We Have to Make Ourselves be Heard. Maio/1962, p. 4,5,6; The Root of War. Out/1961 v. XXVIII n. 3 p 1,7, 8; Christian Ethics and Nuclear War. mar/1962. v. 28 n. 8, p. 2,7.

com o ensino social da igreja. Merton contribuiu com inúmeros artigos para esse periódico, o que levou o FBI a escrever ao Abade Geral dom Gabriel Sortais que ele estava sendo usado pelos comunistas (daí a censura às obras mertonianas).<sup>29</sup>

Merton conheceu Catherine de Hueck por ocasião da visita que esta fez na Universidade São Boaventura (onde ele era professor) e ela veio fazer uma conferência. Com frequência ela pregava retiros a religiosos e padres pelo país inteiro. Ela afirmou na ocasião em São Boaventura que os católicos tinham medo dos comunistas, mas esses faziam muito mais ação em favor da justiça do que aqueles. Padres e leigos deveriam ir ao Harlem, onde ela trabalhava, para ver “a tremenda miséria, pobreza, doenças, degradação e abandono de uma raça que foi oprimida e pervertida moral e fisicamente, sob o peso de uma gigantesca injustiça econômica”.<sup>30</sup>

A obra *Seeds of Contemplation* (1949)<sup>31</sup> é uma alusão à parábola evangélica da boa semente, contida nos Evangelhos Sinóticos. Merton convida-nos a desenvolver essa boa semente da fé, esperança e amor, plantada em nós no batismo, até frutificar. Esse livro foi escrito para ajudar as pessoas a acessar a contemplação (p.11). O livro reflete, porem um dualismo entre natural e sobrenatural, e um desprezo pelo mundo.

Uma década mais tarde, em 1962, o autor (que já tinha passado pela experiência de conversão ao mundo) o reelabora totalmente, chamando-o de *Novas Sementes de Contemplação (NSC)*, ressaltando a bondade do mundo criado. O último capítulo, intitulado “O Bailado Geral”, inspirado em *Provérbios* 8, trata da presença da Sabedoria (*Sophia*) no universo, já antes da criação do mundo. É um verdadeiro tratado da imanência de Deus, acessada pela via katafática. É também uma sólida base para a espiritualidade feminista.

*New Seeds of Contemplation* é uma obra clássica de espiritualidade, com caráter existencial e experiencial, pois confrontou a própria solitude com a dos seus noviços, estudantes, monges, e de muitos outros cristãos e não cristãos. Nela

---

<sup>29</sup> Cf., video de WILKES, Paul. *Merton Film Biography*. (VHS Video). Multimídia do Thomas Merton Studies Center.

<sup>30</sup> MERTON, Thomas. *The Seven Storey Mountain: An Autobiography of Faith*. Nova Iorque: A Harvest Book, 1998, p. 372-373. (abreviado *SSM* ou *MSP*, conforme a tradução brasileira: *A Montanha dos Sete Patamares*).

<sup>31</sup> MERTON, T. *Seeds of Contemplation*. Connecticut: A New Directions Books, 1949.

afirma que a contemplação está fora do alcance de alguém incapaz de sentir compaixão.<sup>32</sup>

A obra *Na Liberdade da Solidão (Thoughts in Solitude)*<sup>33</sup> surgiu em 1953-54, quando Merton recebeu permissão do novo abade, dom James Fox, para passar algumas horas por dia num eremitério, chamado de Santa Ana. Ali descobre que o silêncio e a solidude são dons que transformam tudo em oração: o céu e os pássaros, o vento e as árvores, “pois Deus é tudo em tudo” (p. 94). A obra *Na Liberdade da Solidão* foi reeditada em 2001. Ela nos revela que, na solidude, os nossos sentidos, sensibilidade, emoções, imaginação e vontade desabrocham e se fortalecem contra os apelos à falsidade do mundo atual.

(A solidude) “revela a nossa pobreza e a dos outros, que devemos amar. Devemos considerá-los com o olhar de compaixão de Jesus. Mas não podemos ter verdadeira compaixão pelos outros se não estamos prontos a aceitar a fragilidade alheia” (p. 31). Nossa contingência faz-nos voltar com todo o nosso ser a Deus, pela meditação, que nos faz vigilantes e nos liberta o coração de cuidados e preocupações. Isso só acontece numa “fé profunda, sincera e simples, vivificada por uma esperança que sabe ser possível o encontro com Deus, e por um amor que deseja, acima de tudo, fazer Sua vontade” (p. 422). Nessa expressão, Merton revela uma vez mais o segredo da verdadeira mística como radicalização das virtudes teologais da fé, esperança e amor.

Na obra *The Inner Experience* (várias vezes reelaborada, que já chegou a se chamar *What is Contemplation* e *The Dark Path*), Merton trata da necessidade de fazer desaparecer nosso eu falso e efêmero como condição para a mística ou contemplação, que nos restaura à imagem de Deus e permite Cristo nascer em nós pelo Seu Espírito. Ser *imago Dei*, na esteira de Agostinho, é ser espelho onde a Trindade Se contempla e Se revela. Considera que a contemplação não pode ser fruto da ambição espiritual, que nos tornaria prisioneiros da ilusão intimista. Ela supõe ascese visando criar em nós silêncio e desapego para acontecer a irrupção do Eterno. A experiência interior é despertada sobretudo pela liturgia, verdadeiro

<sup>32</sup> MERTON, T. *New Seeds of Contemplation*. Boston/Londres: Shambala, 2003, p. 54. (NSC).

<sup>33</sup> MERTON, T. *Thoughts in Solitude*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1976.

amálgama de orações, cantos, ritos, gestos sagrados, música, arte, visando ativar o centro de nosso ser feito à “imagem da Trindade”.<sup>34</sup>

Em sua obra *Disputed Questions*<sup>35</sup> (*Questões Abertas*), Merton faz uma análise crítica da sociedade atual, marcada pelo totalitarismo dos meios de comunicação de massa (p. 127s). Alerta para o perigo de se deixar de lado a mensagem autêntica de Cristo e escolher a eficácia (teologia da prosperidade?). E prega que construir o Reino de Deus é construir uma sociedade baseada inteiramente na liberdade e no amor, fundamentada no respeito ao indivíduo, e à pessoa humana. Ele alerta profeticamente que uma sociedade sem Deus está muito mais propensa a cair vítima da guerra, da crueldade e da violência.

Na obra *Contemplation in a World of Action*<sup>36</sup> Merton traça uma radiografia da sociedade americana. Ele descreve o norte-americano como alguém corroído pelo ativismo e incapaz de suportar o silêncio e a solidão. Destarte, vive dominado pelo tédio, vazio e falta de sentido. Precisa constantemente estar apertando um botão, ligando a TV, o rádio ou o computador, ou abrindo uma garrafa de cerveja ou tomando um antidepressivo.

Por contraste, descreve a vida do monge, em especial do eremita, que munido somente da graça de Deus, é capaz de vencer o tédio, as tristezas e as excessivas preocupações da vida. Ele aprendeu a “sabedoria da insegurança”, isto é, a verdade de que é ilusório buscar segurança mediante o emprego, uma coleção de diplomas, riquezas e honras. “O solitário cristão, na sua vida de oração e silêncio, explora as profundezas existenciais e as possibilidades de sua própria vida, penetrando no mistério da oração e da tentação de Jesus no deserto, das suas noites solitárias na montanha... Somos chamados à solidão por um ato especial do amor misericordioso de Deus... O que importa é a fé ardente daquele que vive em solidão, o fogo ardendo dentro do seu coração” (p. 224s).

Na obra *Zen and The Birds of Appetite*<sup>37</sup> (*Zen e as Aves de Rapina*) vemos Merton como precursor da atual espiritualidade macroecumênica. O encontro com o budista Suzuki enriqueceu sua perspectiva cristã. Na obra supracitada, bem

<sup>34</sup> MERTON, T. *The Inner Experience: Notes on Contemplation*. SHANNON, William (Org.). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 2003, p. 326.

<sup>35</sup> MERTON, T. *Disputed Questions*. Nova Iorque: A Harvest/ HBJ Book, 1985.

<sup>36</sup> MERTON, T. *Contemplation in a World of Action*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1998. (CWA).

como em *Mystics and Zen Masters*<sup>38</sup> (*Místicos e Mestres Zen*), Merton descobre grande semelhança entre a mística dos mestres Zen e a mística cristã de São João da Cruz e o mestre Eckhardt, com sua ênfase no ser e no não ter. Merton procura desfazer os equívocos dos cristãos ocidentais, que supõem sejam as grandes religiões do Oriente mera superstição, falsidade e panteísmo. Explica que o zen não é nenhuma elaboração teológica ou filosófica, mas um caminho para experienciar diretamente o ser, a existência e a vida de forma não-verbal. É a experiência de superar a ambigüidade entre sujeito e objeto, entre o visível e o invisível. Essa obra é bastante citada por Leonardo Boff, que também faz referência às Mães e Pais do Deserto (físico e espiritual) em sua luta com escorpiões e leões<sup>39</sup>.

A obra de Merton *A Via de Chuang Tsu* também reflete o pensamento do maior filósofo taoísta, que pregava a anarquia, fazendo uso da ironia e do humor diante de um governante idiota e estúpido. Nessa obra Merton revela sua atração pela mística oriental. Ele está convencido de que o Oriente deve cristianizar o Ocidente. Para conhecer melhor o budismo, ele foi se encontrar com o Dalai Lama na Índia, em Daramsala, onde o líder espiritual tibetano estava exilado. Muitos estudantes europeus e americanos iam visitá-lo, no intuito de conhecer o budismo. Entre eles, o jovem católico Talbott, que introduziu Merton a Sua Santidade o Dalai Lama.

Merton interessa-se profundamente pelo zen-budismo. Ele acredita que o cristianismo e o zen podem se complementar, e que a abertura à espiritualidade asiática em geral pode ajudar a redescobrir as próprias fontes da espiritualidade cristã. Acredita que, dentre as intuições espirituais das grandes religiões da humanidade, não há nenhuma que não possa ser traduzida para a fé cristã e vice-versa. Ele destaca dois aspectos: a renúncia e a compaixão. Renúncia em sentido evangélico significa perder a vida para salvá-la. Tanto o zen quanto o cristianismo fazem dela um dos pilares sobre os quais se assenta sua atitude religiosa. É preciso des-represar a compaixão e com ela inundar o mundo. O “Encontro de

---

<sup>37</sup> MERTON, T. *Zen and The Birds of Appetite*. Nova Iorque: A New Direction Book, 1968. (Trad. *Zen e as Aves de Rapina*. 7a ed. São Paulo: Cultrix, 1997).

<sup>38</sup> MERTON, T. *Mystics and Zen Masters*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 2a ed. 1986. (Reeditado no Brasil em 2005).

<sup>39</sup> ME 149.

Getsemani” entre monges cristãos e budistas em 1996 revela esse aspecto fundamental e comum às místicas cristã e budista.

A obra *A Via de Chuang Tzu* é muito citada por Leonardo Boff, que destaca nela dois princípios fundamentais para cultivarmos um coração leve: a simplicidade e a humildade, que nos permitem ver o Tao no vil e no sublime. “Terás um coração leve se enxergares nos canteiros da rua o verde e nele a flor que sorri. Se olhares para cima vires, além dos prédios, a nuvem que passa. Se ao encontrar um pobre conseguires encher teus olhos com sua presença e vê-lo como irmão. Se fizeres tudo isso, saberás o que é viver com o coração leve. Não serás amargo e nem ganancioso. Contigo começa outro tipo de civilização. E poderás dormir sem o peso de uma pedra no peito. Por causa do coração leve”.<sup>40</sup>

Na sua obra *Hagia Sophia*<sup>41</sup> Merton aborda poeticamente a dimensão de feminilidade em Deus, no ser humano e no universo. Trata do “princípio feminino” cuja falta sente no cristianismo e vai buscar no misticismo oriental com a dialética do *yin-yang*. Antecipando a saudação inicial do recém eleito papa, João Paulo I e a teologia feminista atual, Merton afirma nesta obra que Deus não é apenas Pai, mas também Mãe. Ele é ambos ao mesmo tempo e o aspecto feminino ou o “princípio feminino da divindade é a *Hagia Sophia*, que no seu aspecto mais primitivo, é a escura e sem nome *ousia* (substância) do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a incompreensível e primordial escuridão que é luz infinita” (p. 255-260). Em linguagem paradoxal, própria dos místicos, Merton afirma que Deus é escuridão superluminosa, um excesso de luz que eclipsa todas as lâmpadas. As três divinas pessoas são cada uma e ao mesmo tempo *sophia* e sua manifestação. E são ao mesmo tempo o *Tao*, a origem inominada de tudo o que existe.

KATHLEEN DEIGEN, em sua obra *Road to Rapture: Thomas Merton's Itinerarium mentis in Deum*<sup>42</sup> percorre o itinerário franciscano-bonaventuriano de Merton na teologia e na espiritualidade. Ela percebe um evidente paralelismo entre a teologia espiritual de Merton e o *Itinerário* de São Boaventura. De fato, as semelhanças entre ambos são imensas. Tanto Merton, quanto Boaventura,

<sup>40</sup> BOFF, Leonardo. Coração Leve. *JB*. 11/março/2004.

<sup>41</sup> MERTON, Thomas. *The Collected Poems of Thomas Merton*. 11a ed. Nova Iorque: A New Directions Book, 1977. Cf., DIECKER, Bernardete e MONTALDO, Jonathan. *Merton and Hesychasm*. Louisville, Fons Vitae, 1999, p. 255-260. (abreviado *MH*).

<sup>42</sup> DEIGNAN, Kathleen. *Road to Rapture: Thomas Merton's Itinerarium Mentis in Deum*. *Franciscan Studies*. Nova Iorque: St Bonaventure University. v. 55. 1998, p. 281-297.

viveram no contexto da vida universitária. O Itinerário de Merton começou na Universidade de Columbia, EUA. Ali conheceu o amplo panorama do pensamento e da espiritualidade franciscana através de seu diretor espiritual, Daniel Walsh. Contudo, não foi como franciscano, mas sim como monge trapista, que Merton percorreu de fato o itinerário bonaventuriano.

Apesar de não terem vivido mais do que 50 anos, ambos foram fermento espiritual em seus respectivos tempos; ambos renovaram a vida religiosa de suas respectivas gerações. Ambos foram marumbinistas itinerantes rumo à montanha de Deus: Boaventura no Monte Alverne e Merton na *Montanha dos Sete Patamares* de sua auto-biografia, atraídos e cativados ambos pelo Cristo Cósmico. Aqui, “subir a montanha” é uma metáfora para conotar a experiência do encontro com o mistério de Deus. O itinerário bonaventuriano é o mapa de viagem de Merton, apontando para mais de uma trilha no escalar rumo a Deus, em respeito à individualidade.

O tríplice itinerário bonaventuriano em Merton passa pela via exterior da criação, pela via interior do *self* e pela via superior de Deus como Ser e como Bem. Merton se alegrava ao perceber a invisível fecundidade do Sumo Bem espalhada em todas as criaturas. Experienciava a luminosidade da criação, na esteira de Francisco de Assis. Depois passava para a trilha subterrânea da alma, o *self*, na esteira de Santo Agostinho. Deus, O Criador, é para Merton, bem como para Francisco a suprema realização do desejo humano. Pois ele é fontal, imenso, primordial, desconhecido, amante, silencioso, compassivo, santo, enfim: Tudo.

No seu itinerário, Merton passa da luminosidade da criação, que ele entende como “*Ars Patris*”, arte do Deus Trindade e *pulcherrimum carmen*, para a trilha subterrânea da alma, onde se depara com a condição humana em sua grandeza e miséria (a dimensão de sombras e a noite escura do inconsciente, que ele conheceu tão bem). Daí passa para a via eminente de Deus como Sumo Bem e Ser Fundante (“*Ground*”), *fontalis plenitudo*. Ambos exploraram em profundidade a vasta gama do potencial espiritual humano.

Com o *Itinerário* de Boaventura na mão, Merton encontrou o seu próprio caminho, e sua forma própria de descrevê-lo para o contexto do século XX. A única condição para percorrer esse Itinerário é sentir o desejo ardente de Deus. Merton, que conheceu a angústia do deslocamento e do desarraigo constantes ao

longo de sua vida inteira, era alguém devorado pela paixão de entrar em comunhão com a criação, com seu próprio *self* e com Deus.

Na sua obra *Conjectures of a Guilty Bystander (CGB)*<sup>43</sup> (*Reflexões de um Espectador Culpado*), Merton revela-se uma pessoa que se deixou afetar pelo pecado e sofrimento do mundo atual e buscou profeticamente denunciar suas mazelas, embora distanciado fisicamente dele pela solitude monástica (daí sentir-se espectador culpado). Denuncia a violência das guerras, das ditaduras latino-americanas, do racismo e de todas as demais formas de violência. Talvez aqui Merton chega à melhor integração entre contemplação e ação em todas as suas obras. Ele representa, assim, uma das melhores sínteses no século XX entre oração e contemplação (e compaixão, ou seja, entre mística e ação). Unicamente a contemplação ativa e a compaixão dinâmica, afirma Merton, conseguirão nos livrar da violência do mundo atual (esse tema é recorrente ao longo de suas obras e o *leit-motiv* da presente tese).

Na obra *CGB* Merton comenta sua preferência pelos escritores brasileiros, como Manuel Bandeira, Jorge de Lima e outros, elogiando “seu amor franciscano pela vida e o respeito por todos os seres viventes” (p. 5). É uma mística cósmica, que ele compara a Provérbios 8: o humor paradisíaco de considerar o universo como um jogo lúdico.

A obra *Seasons of Celebration*<sup>44</sup> é carregada de uma alegria pascal. São várias conferências proferidas no Mosteiro, onde Merton compartilha com os seus confrades monges os frutos da contemplação. Cobre um período de catorze anos (de 1950 a 1964). Já reflete a renovação litúrgica trazida pela Constituição *Sacrossantum Concilium*. Merton parte do conceito de liturgia como serviço público prestado por cidadãos livres em benefício da comunidade. A liturgia não é “show” (“performance”), mas celebração. Os fiéis não são espectadores passivos e inertes, nem escravos, mas são amigos e colaboradores no serviço que Cristo presta ao Pai, à humanidade e ao cosmos, libertando-os (p. 10-11). O sentido da ascese cristã é libertador. A Páscoa “revive a nossa liberdade na renovação do mistério no qual nós fomos libertos” (p. 141-144). Precisa ser vivida todos os dias.

---

<sup>43</sup> MERTON, T. *Conjectures of a Guilty Bystander*. Nova Iorque: Doubleday and Company, 1966.

<sup>44</sup> MERTON, T. *Seasons of Celebration: Meditations on the Cycle of Liturgical Feasts*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1977 (SC).

Nossa espiritualidade deve basear-se, então, não no legalismo, mas na liberdade. Num capítulo sobre o Bom Samaritano ele insta-nos a sermos sinais e sacramentos da compaixão de Deus (p. 179). O último ensaio, feito um ano depois da promulgação da *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, aborda alguns aspectos da reforma litúrgica como: missa *versus populum*, língua vernacular, e comunhão sob as duas espécies. Ele também critica a pobreza das traduções bíblicas, a separação entre padres e leigos, e o (p. 231ss).

Na obra *The New Man*<sup>45</sup> (*O Homem Novo*), Merton apresenta a mística como a forma mais perfeita do amor e do conhecimento. Ela abarca ao mesmo tempo a compreensão existencial do nosso “nada” e a experiência da presença divina em sua luminosidade existencial. Mística é a única forma de curar a angústica existencial humana. Destarte, é a forma mais madura de vida cristã. Nessa obra ele desmascara uma mística sem fé, que ele chama de “mística prometéica” (p. 23), presente em todos os nacionalismos exacerbados, como o de Hitler: é a atitude de roubar aquilo que só pode vir a nós como dom e graça. Na relação com o outro, procura arrancar dele o pouco que tem, um pouquinho de amor, um pouquinho de conhecimento, um pouquinho de suas posses. Prometeu roubar um fogo que está fora dele, é incapaz de descobrir a Presença na intimidade, que vem como dom, o “*intimor intimo meo*” de Agostinho. A mística prometéica é característica da era atômica atual.

A obra *At Home in the World*<sup>46</sup> traz parte da correspondência entre Merton e Rosemary Ruether Radford. No acalorado diálogo epistolar entre eles, os temas centrais eram, além da espiritualidade feminista, a vocação monástica, contemplação e solitude, mosteiro e mundo contemporâneo, a relação entre a Igreja e o mundo, bem como questões bíblicas, cristológicas e escatológicas, em que os interlocutores também são Sto Agostinho, Bonhoeffer e Dan Berrigan (p. 101). Merton é desafiado por Rosemary a justificar sua existência afastado do mundo, (verdadeira arena de batalha entre as forças do bem e do mal). Ela, oblata beneditina, valoriza a contemplação, mas apenas como um retiro temporário para depois voltar ao mundo. Desencantada com a hierarquia católica, encontrou em

---

<sup>45</sup> MERTON, T. *The New Man*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1961.

<sup>46</sup> TARDIFF, Mary (Org.). *At Home in The World: The Letters of Thomas Merton and Rosemary Radford Ruether*. Nova Iorque: Orbis Books, 1995. (Abreviada *aHW*).

Merton um interlocutor à altura. A correspondência entre ambos se mostrou fecunda e desafiadora para os dois.

Na obra *Redeeming the Time*<sup>47</sup> Merton trata principalmente da promoção da paz e da abolição da guerra. Ele comenta longamente a Encíclica *Pacem in Terris* do papa João XXIII e os documentos do Concílio Vaticano II, à época recém vindos à luz, no tocante à paz e à abolição da guerra (*Gaudium et Spes*). Ele reinterpreta a doutrina agostiniana da “guerra justa”, tão abusada para justificar a prepotência imperialista hoje. Ele rejeita uma paz baseada no equilíbrio do terror (“*deterrence*”) e elogia a metafísica da não violência, tal como praticada por Jesus, Gandhi e Martin Luther King, entre outros. Merton cita um longo trecho da constituição *A Igreja no Mundo de Hoje* que resume sua postura frente ao tema:

“Enquanto se gastam enormes somas na confecção de armas sempre novas, não se pode dar remédio suficiente a tantas misérias que grassam no mundo inteiro... A corrida armamentista é a praga mais grave da humanidade, que lesa intoleravelmente os pobres. É de se temer muitíssimo que, se perdurar, ela produza um dia todas as ruínas nefastas, cujos instrumentos já preparou” (n. 81). Ao fazer essa citação, Merton está vinculando indelevelmente a questão da paz com a promoção da justiça. Os quinhentos bilhões de dólares esbanjados na guerra do Iraque hoje poderiam minimizar a miséria e doenças na África, onde milhares morrem de fome e aids todos os dias.

Ironicamente, enquanto Merton transcrevia esse parágrafo do Concílio, um general norte americano propunha então que o Vietnam do Norte fosse bombardeado até voltar à Idade da Pedra, com o assentimento da imensa maioria da população do seu país, tanto católica quanto protestante. Quando nos dias de hoje 90% da população norte-americana aprovou o presidente Bush depois de 11/set/2001, que assim respaldado invadiu o Iraque, vemos a atualidade do Concílio, quarenta anos depois, e quão urgente é o empenho em promover a paz e a justiça, em nome daquele que é o Príncipe da Paz.

*The Hidden Ground of Love*:<sup>48</sup> Letters of Thomas Merton on Religious Experience and Social Concerns (*HGL*) é uma volumosa obra (669 p.). Contem a correspondência entre o Eremita de Gethsemani e pessoas empenhadas em

<sup>47</sup> MERTON, T. *Redeeming the Time*. Londres: Burns and Oats, 1966.

<sup>48</sup> MERTON, T. *The Hidden Ground of Love: Letters of Thomas Merton on Religious Experience and Social Concern*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1985. (*HGL*).

integrar a espiritualidade com os problemas sociais. *HGL* é o primeiro volume de correspondências. Trata de espiritualidade (oração, contemplação, compaixão) e dos grandes problemas atuais (guerra, violência racial, injustiça sócio-econômica, fanatismo, degradação ambiental). Destacamos aqui a longa correspondência com Catherine de Hueck, Dorothy Day e Irmã Maria Emmanuel de Petrópolis, para quem escreveu ressaltando a necessidade de nos envolvermos nos problemas de nosso país e também da humanidade inteira (p.186-187), sem o que ninguém é verdadeiramente contemplativo(a). Na correspondência com o papa Paulo VI ressalta a mensagem de esperança que os contemplativos trazem ao mundo por causa da certeza do amor, da presença e da libertação de Deus (p. 158).

Muitas dessas cartas tratam da não-violência. Dorothy Day e outras mulheres (Hildegard Gossmayer) foram a Roma durante o Concílio pressionar os bispos em favor da causa da paz e da não-violência. Elas entregaram nas mãos dos Padres Conciliares cópias das cartas sobre a paz, escritas por Merton, e que muito influenciaram na elaboração da constituição *Gaudium et Spes* na década de 60, quando se abalavam os fundamentos da sociedade, cultura e religião, no auge da Guerra Fria. Assim Merton se revela um precursor do Concílio Vaticano II em temas candentes e cruciais para a humanidade. Não por último, *HGL* inclui a correspondência com Alceu Amoroso Lima (p. 164), o amigo brasileiro de Merton que traduziu e prefaciou algumas de suas obras, e o mantinha a par da realidade do nosso país, que ele tanto amava.

*The Road to Joy*<sup>49</sup> é o segundo volume de correspondências. A obra revela a gratidão de Merton por três dons fundamentais de Deus em sua vida: sua fé católica, sua vocação monástica e sua vocação de escritor. (pela qual pode compartilhar com os outros os frutos da contemplação). A obra revela também o valor que a amizade tinha na vida do Eremita de Gethsemani. Depois de sua morte percebeu-se como esse círculo de amizade era diversificado. Até hoje os amigos antigos e novos de Merton estão espalhados pelos quatro cantos do mundo.

No círculo de amizades de Merton se inclui a pequena Grace Sisson, que lhe enviou um desenho de sua casa. Mas Merton notou que não havia um caminho conduzindo até a casa. Então Grace enviou outro desenho, desta vez incluindo o caminho até à casa, intitulado: *The Road to Joy*, que Merton perspicazmente lê

como o caminho interior que nos leva à alegria, sem que saibamos como. Daí o título da obra (*RJ* 352-353). Merton convida todos os seus amigos a seguirem por tal caminho. Ele considera a amizade um sacramento de Deus, e é isso que todos deveríamos ser uns para os outros. Ele confia que sua amizade com o Dalai Lama confirmou a fé em Cristo e na inabituação de Sua presença. Na quinta parte Merton escreve a Jovens em busca de orientação espiritual. Em *RJ* estão incluídas 10 das 111 Cartas da Guerra Fria.

A obra *The Courage for Truth*<sup>50</sup> abrange um período de 20 anos de correspondência entre Merton e escritores do mundo inteiro (1948-1968), com destaque para aqueles que opunham resistência a regimes opressores e totalitários. Aos escritores cabe a função de anunciar corajosamente a verdade, desmascarando a mentira. Eles são formadores de opinião. Destacamos a correspondência com Boris Pasternak e uma carta enviada ao Chefe de Escritores Soviéticos protestando contra o impedimento de Pasternak receber o Premio Nobel de literatura (p. 87-93). A correspondência entre Merton e Pasternak foi vigiada de perto pelo FBI, a pedido dos católicos ultraconservadores e nacionalistas de Louisville, para quem o Eremita de Gethsemani era comunista, perigoso e antipatriota. (Nessa correspondência com Pasternak já está traçado o destino martirial de Merton, como veremos mais adiante).

Significativas são as cartas a Ernesto Cardenal (1959-1968), com quem compartilhava intimamente também a vocação monástica, literária e a crítica social. Cardenal foi a ponte de ligação entre Merton e a América Latina. Por meio dele começou a correspondência com escritores latinoamericanos (Pablo Antonio Cuadras, Miguel Grinberg, Nicanor Parra, Ludovico Silva, Jose Coronel Urtecho e Vitória Ocampo). Merton e Cardenal lançaram as sementes da futura teologia e espiritualidade da libertação, e são seus precursores (p. 110-163).

A obra *The School of Charity*<sup>51</sup> é o quarto volume de Correspondências. Trata da renovação da vida religiosa e da orientação espiritual. O título é tomado de São Bento, que entendia o mosteiro como uma escola de caridade. *SCh* traz a

---

<sup>49</sup> MERTON, T. *The Road to Joy: The Letters of Thomas Merton to New and Old Friends*. DAGGY, Robert (Org.). Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1989.(abreviado *RJ*).

<sup>50</sup> BOCHEN, Cristine (Org.). *The Courage for Truth: Letters of Thomas Merton to Writers*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1993 (*CT*).

<sup>51</sup> MERTON, T. *The School of Charity: Letters of Thomas Merton on Religious Renewal and Spiritual Direction*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1990. (*SCh*).

correspondência com os abades beneditinos brasileiros dom Inácio Accioly (p. 304-305), dom Basílio Penido (p. 306-307) e dom Timóteo Amoroso Anastácio. O livro se divide em três partes: a) de 1941-1959 é a primeira fase da vida monástica. Aqui ressalta a carta ao abade Frederick Dunne, pedindo para ser aceito na Ordem e o pedido expresso do Abade para que Merton escrevesse sua autobiografia, que faria grande bem a muita gente (palavras proféticas).

b). 1960-1964 é a segunda fase monástica. Merton já é mestre de noviços. Muitas mulheres entram em sua vida: Irmã Mary Luke (que foi observadora no Concílio Vaticano II); c) 1965-1968. é a terceira fase: a vida eremítica. A última carta, dois dias antes de morrer, foi endereçada ao Brother Patrick Hart (ainda hoje vivo, ex-secretário de Merton), onde revela a sua saudade do mosteiro de Gethsemani, aproximando-se o tempo de Natal em 1968. Ele assina carinhosamente “Louies” (seu nome religioso era Father Louis, e não Thomas Merton).

A obra *Witness to Freedom*<sup>52</sup> é o quinto e último dos cinco volumes de correspondências de Merton. O título é uma alusão ao próprio Merton, testemunha da liberdade e da libertação. O subtítulo, por sua vez, “Letters in Times of Crisis”, conota o conteúdo da obra: Ela aborda a crise acentuada na década de 60 do século XX. Merton busca influenciar os bispos norte-americanos indo à segunda sessão do Concílio Vaticano II. Ele insta veementemente a que condenem a violência das armas atômicas e propõe que a Igreja seja mediadora dos conflitos internacionais, vencendo o primado e a canonização da violência, como é praxe acontecer (p. 88-94). As propostas de Merton aparecem explicitamente no documento *Gaudium et Spes*.

A obra *Faith and Violence*<sup>53</sup> aborda a Guerra do Vietnam, a injustiça social e racial, e se opõe firmemente à convocação ao serviço militar obrigatório. No capítulo intitulado: “Para uma teologia da resistência”, ele propõe que o labor teológico enfrente o problema crucial da violência, que permeia todo o tecido social (p. 3). Na raiz da violência está um bando de assassinos praticando uma ação global de genocídio, movidos por interesses econômicos e imperialistas.

---

<sup>52</sup> —, *Witness to Freedom: Letters in Times of Crisis*. SHANNON, W. (Org.). Nova Iorque: A Harvest Book, 1995.

<sup>53</sup> MERTON, T. *Faith And Violence: Christian Teaching and Christian Practice*. Notre Dame: University of Notre Dame, 1968. (FV).

Merton contrasta a violência com a atitude de não violência, embasada no ensino de Jesus no Sermão da Montanha. Condições para a não violência que ele elenca:

- Não ser conivente com um poder constituído injusto;
- ser verdadeiro;
- evitar atitudes de auto-justificação;
- estar disposto a aprender do adversário.

A não violência é a forma mais eficaz de resistir à injustiça e ao mal, capaz de gerar mudanças, despertar as pessoas para a verdade e a paz implantadas em nossa natureza humana (p. 39).

Em *FV* Merton define a contemplação como “o contato vivo com a Fonte infinita de todo ser” (p. 222) e afirma que a fé cristã não pode servir de narcótico, anestésico ou embriaguez, mas deve ser fonte de resistência à violência atual. Ele apresenta três figuras paradigmáticas da não violência ativa: Simone Weill (que aderiu à resistência francesa contra a invasão dos nazistas e afirmou a liberdade humana contra o abuso do poder); o padre Delp S.J., (considerado inimigo do Estado por conspirar contra Hitler e ser jesuíta), e Franz Jägerstätter (decapitado pelos nazistas por sua resistência a prestar juramento e a servir militarmente numa guerra injusta. Ele fez objeção de consciência numa atitude de protesto e profecia).

Impressionado com a obra *Faith and Violence*, Dom Helder Câmara escreve a Merton, agradecendo a atualidade desta mensagem, que ele vivia muito bem no nordeste e no país então sob a ditadura militar. Agradece também porque ele apresenta ao ocidente e defende a figura maravilhosa de Thich Nhat Hanh. Começa então uma correspondência entre o Eremita de Gethsemani e nosso pastor Dom Helder. Merton se revela assim precursor da espiritualidade da libertação, assim como Dom Helder. Merton defende Thich Nhat Hanh, caído em desgraça por denunciar as atrocidades cometidas pelos vietcongs e se colocar ao lado das pessoas destruídas, torturadas e queimadas. No artigo “Eventos e Pseudo Eventos, Merton denuncia a manipulação dos meios de comunicação nos EUA, onde 9 entre 10 notícias são falsas, incapazes de refletir o mundo como ele é. São notícias que defendem as grandes corporações transnacionais e um nacionalismo exacerbado, desconsiderando o conjunto das demais nações.

Os sete Diários de Merton (*Journals*) foram originalmente publicados mais de 25 anos após a morte de seu autor, a pedido expresso dele, e obedecem a uma

seqüência cronológica. Iniciam com os anos pré-monásticos em 1939 e terminam em Bangcoc, na Tailândia em 1968. Escrever Diários foi a forma que Merton sempre encontrou, desde os 16 anos de idade, para celebrar a vida, e de dar resposta aos grandes desafios pessoais e globais que encontrava. Isso fez dele um mestre de espiritualidade, e um dos teólogos mais conhecidos do século XX. A importância dos Diários reside no fato de que neles encontramos embrionariamente todas as obras mertonianas.

Vamos apresentar a seguir cada um dos sete *Diários*.

A obra *Run to the Mountain*<sup>54</sup> (*RtM*) constitui o primeiro volume dos *Journals*. Foi organizado pelo monge trapista brother Patrick Hart, secretário pessoal de Merton. O título é inspirado em Dante Alighieri, na obra *Purgatório II*, 7: “Sobe a Montanha”). *RtM* retrata os anos pré-monásticos de Merton. Passada a censura de 25 anos auto-imposta à publicação dos mesmos, eles começaram a aparecer já a partir de 1995. Revelam que desde muito cedo Merton é um escritor inveterado de diários. Ali podia expressar seu mundo interior sem o constrangimento dos censores da Ordem.

A obra *Entering the Silence*:<sup>55</sup> (*EtS*) é o segundo volume dos *Journals*. Abrange o período monástico compreendido entre 1941 e 1952, dividido em três partes: a primeira, o Noviciado (de 1941-1942); a segunda, o menológico de dom Frederick Dunne (1946-1948), o primeiro abade de Merton, e que, longe de impedir, incentivou-o a escrever e a publicar sua auto-biografia, (que o tornou uma celebridade mundial). A terceira, que ele chamou *The Whale and the Ivy* (1946-1952).

A obra *Search for Solitude* (*SfS*):<sup>56</sup> Pursuing the Monk’s True Life, é o terceiro volume dos Diários. Inicia em 25 de julho de 1952 e termina em 23 de maio de 1960. O subtítulo indica o fio condutor desse volume. Merton está buscando uma vida de crescente solitude em tensão e conflito com o seu voto de estabilidade em Gethsemani. Pensa, respectivamente, em ser monge cartuxo, depois camaldulense, e (no fim do *Diário*), volta seu olhar para a América Latina,

---

<sup>54</sup> MERTON, T. *Run to The Mountain: The Story of a Vocation*. v. I. HART, P. (Org.). (1939-1941). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1995 (*RtM*).

<sup>55</sup> MERTON, T. *Entering The Silence: Becoming a Monk and Writer*. MONTALDO, J. (Org.). (1941-1952). v.II. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1995. (*EtS*).

<sup>56</sup> MERTON, T. *A Search for Solitude: Pursuing the Monk’s True Life*. CUNNINGHAM, Laurence (Org.). v. III (1952-1960), 1996 (*SfS*).

buscando um modelo alternativo de vida monástica: mais evangélico, pobre e inserido no meio do povo ( p. 350).

Mas essa porta se fecha e outra se abre: ele recebe permissão de viver uma vida eremítica ali mesmo, a poucos quilômetros distante do mosteiro. Nos primeiros anos (1963-1965) vive como eremita em tempo parcial (usando os velhos depósitos de ferramentas improvisados). Mais tarde, nos últimos três anos de sua vida, residiu no eremitério em tempo integral (1965-1968).

Em *SfS* estão embrionariamente presentes cerca de dez obras mertonianas. Entre outras: *Conjectures of a Guilty Bystander (CGB)*, *Wisdom of the Desert*, *Thoughts in Solitude*, *Spiritual Direction and Meditation*). *SfS* cobre o período em que Merton é Mestre dos teólogos e depois Mestre dos Noviços. O Diário está repleto de considerações poéticas sobre a ecologia natural que o rodeia. Também reflete seu contato com escritores latinoamericanos, como Ernesto Cardenal, que o introduz na realidade do continente latinoamericano. Também aparecem contatos com budistas, judeus e muçulmanos, fazendo a ponte por sobre a violência do fanatismo religioso.

*SfS* reflete também sua experiência de “conversão” à compaixão ocorrida em pleno centro comercial de Louisville em 18 de março de 1958. (*SfS* 181-182, cf., CGB; vide também a figura 1). Merton descobre ali sua unidade com a família humana, sem pretensa superioridade ou diferença por ser monge. Nunca mais a *fuga mundi*, mas doravante a conversão ao mundo. Então começa um processo irreversível de envolvimento nas questões da Igreja e do mundo. Logo depois ele escreve uma carta ao papa João XXIII, onde define sua vocação de contemplativo, não mais isolado, mas plenamente inserido nos destinos do mundo. *SfS* é a primeira das três obras que constitui o objeto material da presente tese (junto com *TtT* e *DWL*).

A obra *Turning toward the World*<sup>57</sup> (*TtW*) constitui o IV volume dos *Diários* e a segunda obra tomada como objeto formal da presente tese. Cobre o período que vai de 1960 a 1963. Nessa época Merton ainda é mestre de noviços e formador dos escolásticos. Sua vida está passando por uma verdadeira metamorfose: quer fazer a síntese entre a espiritualidade e o mundo de hoje, na esteira do Vaticano II que já estava em plena atividade. É também o período em

que ele vive mais radicalmente a vida monástica, buscando o silêncio e o escondimento de um eremitério nos arredores do mosteiro. Está na passagem dos 40 aos 50 anos de idade.

Mas longe de se isolar, ele se volta ao mundo (como diz o subtítulo: *Turning toward the World*), e o acolhe com todas as suas mazelas. Trata de questões como a guerra nuclear, e a missão da Igreja no mundo de hoje. Enquanto o Eremita de Gethsemani medita e contempla, ouve o som de explosivos detonando no campo militar de Fort Knox, não muito distante dali. Chega a tremer o chão debaixo de seus pés! E acima dele voam constantemente aviões militares, trazendo em seu bojo bombas atômicas. Isso desperta-o de qualquer visão ingênua que eventualmente poderia ter a respeito do mundo e da sociedade e o compromete ainda mais com o mundo de hoje.

Então Merton se pergunta: Qual é a resposta dos contemplativos diante da sociedade atual? Quanto mais mergulha na solitude, mais busca o envolvimento com o mundo. Sente-se como um “espectador culpado”, fisicamente distante da arena da luta. Mas deseja ardentemente dar sua contribuição. Ele é um dos precursores da espiritualidade da libertação. Resumindo, na obra *TtW* vemos a conversão de Merton ao mundo: o mestre de noviços se torna eremita, o crítico da sociedade, cultura e religião torna-se cheio de compaixão, celebrando a vida e a criação.

A obra *Dancing in the Water of Life*<sup>58</sup> (*DWL*) compõe o volume V dos *Diários* e a terceira obra que constitui o objeto material da presente tese. Abrange a vida de Merton entre 1963 e 1965. Aqui o encontramos na plenitude de suas forças físicas, intelectuais e espirituais. Literalmente “dançando nas águas da vida” como um derviche diante do seu Deus (daí a inspiração do título, tirado de uma mensagem aos poetas latinoamericanos reunidos na cidade do México em 1964. No poema, Merton lhes escreve: “Vem, derviche, aqui está a água da vida. Dance nela”).<sup>59</sup> *DWL* relata a vivência de Merton no eremitério em tempo parcial, buscando a tranqüilidade interior e se dedicando à causa da paz no mundo

---

<sup>57</sup> MERTON, T. *Turning toward the World: The Pivotal Years*. KRAMER, Vitor (Org.) v. IV (1960-1963). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1997. (*TtW*).

<sup>58</sup> MERTON, T. *Dancing in The Water of Life: Seeking Peace in The Hermitage*. DAGGY, Robert (Org.) v. V (1963-1965). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1998.

<sup>59</sup> MERTON T. *Raids on the Unspeakable*, p. 161.

mediante seu engajamento em vários movimentos (*Pax Christi, The Catholic Worker, Fellowship of Reconciliation*).

O contexto histórico e político em que está vivendo é marcado pela violência crescente, expressa em fatos como o assassinato de Kennedy, a Guerra do Vietnã, e as lutas raciais. Na igreja estão sendo promulgadas as duas Constituições fundamentais: *Sacrossantum Concilium* e *Gaudium et Spes*, começando a renovação da vida religiosa e a abertura ao mundo. Nessa época também foi criado o Thomas Merton Studies Center em Louisville, Estado de Kentucky, guardando para a posteridade todo o legado mertoniano. Aparecem os escritos mertonianos sobre paz e justiça e sua atitude de compaixão e solidariedade com os humanos, num mundo ameaçado pela violência e a injustiça.

Nessa época Merton está lendo a um tempo os autores monásticos medievais, e os escritores existencialistas atuais (como Sartre, Camus e Marcel). Também está escrevendo intensamente sobre a América Latina, a espiritualidade macroecumênica, o equilíbrio ecológico que vive no eremitério em contraste com o desequilíbrio ecológico da guerra, poluição e desigualdade social. É uma época de “conversão ao mundo” (mas não uma volta às cidades), valorização da bondade da criação, e de solidariedade com os pobres (p. 293).

A obra *Learning to Love*<sup>60</sup> (*LtL*) compõe o volume VI, abrangendo os anos de 1966-1967. O Diário revela um período turbulento na vida de Merton: Num internamento hospitalar em Louisville, ele acabou apaixonando-se por uma enfermeira, chamada simplesmente de “M.” para proteger a privacidade dela. Merton não quer ocultar o episódio, que revela a um tempo suas carências psicológicas e suas limitações humanas, e também seu empenho por superá-las, apoiado na graça de Deus. Revela, conforme suas palavras, “minha necessidade de amor, minha solidão, minha divisão interior, a luta na qual às vezes a solidão é um problema e uma solução” (p. 234).

A relação entre Merton e “M.” durou de abril a setembro de 1966, com grande intensidade emocional, como se acontecer. Foi então que Merton percebeu que a vida solitária no eremitério, longe de ser romântica, é carregada de problemas e perigos. Ele tinha então 51 anos de idade e 24 de monge. O *Diário LtL* evidencia o conflito, a paixão, a culpa, a ansiedade e confusão que tomam

conta dele, quando emergem as poderosas correntes psíquicas inconscientes, até então represadas por dura ascese monástica, sem serem corretamente integradas.

Falando sobre solitude, ele afirma com toda a humildade: “A única solitude é a solitude da pessoa humana frágil, mortal, limitada, desolada e rebelde, feita de seus amores e temores, enfrentando seu próprio presente como ele é, e abrindo-se aos outros e a Deus” (p. XXI). O *Diário LtL* conclui com o fim do caso amoroso. Merton recupera o equilíbrio e a tranqüilidade, e volta ao Amor Primeiro. Sua paixão por “M.” virou um caso do passado. No *Diário* seguinte, o VII (*The Other Side of the Mountain- OSM*<sup>61</sup>) ele revela ter queimado todas as cartas de “M.”, considerando o episódio todo uma incrível estupidez.

*The Asian Journal of Thomas Merton*<sup>62</sup> (*Diário da Ásia*) é a sua última obra. Dscreve sua viagem voando pelo Pacífico, rumo à conferência em Bangcoc. Anota com grande senso de humor (signo dos verdadeiros contemplativos), os encontros que manteve em Calcutá, Himalaia, Nova Délhi, Ceilão, Madras e Bangcoc. Por toda a parte sentiu a compaixão pela humanidade, fruto de uma mística que se expressa em ação concreta. A obra *Diário da Ásia* traz a última conferência de Merton, intitulada: “Marxismo e Perspectivas Monásticas” pronunciada em Bangcoc em 10 de dezembro de 1968, num encontro entre monges cristãos e budistas, duas horas antes de morrer.

Na época o marxismo estava na ordem do dia, e Merton foi capaz de ler a situação de então e estabelecer pontos de contato com sua vocação monástica. Pois o marxismo nasceu dentro do profetismo judaico, no qual Marx se inspirou na elaboração de sua utopia. A utopia de uma fraternidade humana onde todos tenham o necessário para viver, onde não haja carência nem supérfluo, é assumida pela esperança cristã e vivida com radicalidade nas comunidades monásticas. Daí a possibilidade de um encontro entre marxismo e vida monástica, para se encontrar pontos de semelhança e dissemelhança. Para ele, a vida monástica é a única a realizar inteiramente o ideal marxista, onde cada um contribui conforme suas possibilidades e recebe segundo suas necessidades.

---

<sup>60</sup> MERTON, T. *Learning to Love: Exploring Solitude and Freedom*. BOCHEN, Christine (Org.). v. VI (1966-1967). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1998. (*LtL*).

<sup>61</sup> MERTON, T. *The Other Side of The Mountain: The End of The Journey*. HART, P. (Org.). v. VII (1967-1968). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1999 (*OSM*).

<sup>62</sup> MERTON, T. *The Asian Journal of Thomas Merton*. Nova Iorque: New Direction, 1973.

Em preparação ao tema dessa palestra, Merton leu intensamente as obras de Roger Garaudy e Herbert Marcuse. Ele sentiu confirmadas suas convicções de que o monge deve ser revolucionário, buscando transformar as estruturas injustas da sociedade. No misticismo oriental essa é uma *praxis* constante, pois lá não há a dicotomia entre a esfera religiosa e a política. Eis aí um dos aspectos que fascinava Merton no seu encontro com as religiões orientais!

Terminada sua Conferência sobre “Marxismo e Perspectivas Monásticas”<sup>63</sup>, Merton voltou ao hotel onde estava hospedado. Tomou um banho e, para refrescar-se do calor intenso, ligou o ventilador. Mas, estranhamente, os fios elétricos estavam desencapados, e ele caiu fulminado por um choque fatal. (Sua morte tem sido objeto de especulações e controvérsias, que retomaremos mais adiante). Seu corpo foi trazido num avião da força aérea norte-americana de Bangcoc para o Mosteiro de Nossa Senhora de Getsemani, no Estado de Kentucky, EUA, em cujo cemitério descansa para sempre.

Distante uma hora do mosteiro situa-se o *Thomas Merton Studies Center*, anexo à Biblioteca da Bellarmine University em Louisville, Kentucky, onde se preserva todo o legado mertoniano para as gerações atuais e futuras. Faz parte desse legado o acervo de mais de 250 dissertações e teses doutorais sobre Merton. Entre outras destacamos uma delas, por tocar diretamente o tema da presente tese: é a obra *Thomas Merton and Latin America: A Consonance of Voices*<sup>64</sup>. É uma tese doutoral escrita por Malgorzata Poks. Ela descreve o contato de Merton com intelectuais da América Central, como Ernesto Cardenal (p. 132-156)) e do Brasil como Carlos Drumond de Andrade (p. 89-97). Esta tese, porém, aborda Merton mais sob o aspecto literário do que teológico e não apresenta Merton como precursor da espiritualidade da libertação, como é o enfoque e argumento de nossa tese.

A obra *Merton and Sufism: The Untold Story*<sup>65</sup> (*MS*) é a primeira de um projeto grandioso e atual executado pela Editora Fons Vitae de Louisville, KY, destinado a promover o respeito mútuo entre as tradições religiosas da humanidade, mediante a partilha de suas experiências místicas. *MS* trata

---

<sup>63</sup> MERTON, T. *The Bangcoc Conference*. CD #70.

<sup>64</sup> POKS, Malgorzata. *Thomas Merton and Latin America: A Consonance of Voices*. Lublin, 2003.

<sup>65</sup> BAKER, Rob (Org.). *Merton and Sufism: The Untold Story. A Complete Compendium*. Louisville: Fons Vitae, 1999 (abreviado *MS*).

especificamente da abertura de Merton à mística sufi e sua correspondência com renomados representantes do islamismo (através de Louis Massignon). Em suas preleções aos noviços no Mosteiro, Merton expôs longamente a mística sufi e com ela se identifica. Numa época como a nossa de satanização do Islão, essa obra é de valor inestimável, criando pontes por sobre os muros de separação, primeiramente com as religiões que tem Abraão como pai.

A obra *Merton and Judaism: Recognition, Repentance and Renewal: Holiness in Words*<sup>66</sup> (abreviado *MJ*) insere-se na mesma linha que *MS*. É notável como o Eremita de Gethsemani resgata as raízes judaicas de sua fé cristã, e se sente um judeu “sob sua pele católica”. Insta-nos a que sejamos “semitas espirituais” (*CGB* 16-17) na leitura da Bíblia Hebraica, ou melhor dito, Primeira Aliança (que nós erroneamente chamamos de “Antigo Testamento”). O sub-título da obra revela todo um programa a ser cumprido: reconhecer a violência e o fanatismo do passado, arrepender-se e renovar a confiança no Deus de Abraão, pai de muitos povos. *MJ* aborda longamente a correspondência entre Merton e o rabino Abraham Joshua Heschel, que muito o influenciou, (como veremos mais adiante), e com quem compartilhava a síntese entre mística e compromisso social (na atitude profética de denunciar a guerra do Vietnam e a injustiça racial nos EUA).

A obra *Merton and Hesychasm: The Prayer of the Heart*<sup>67</sup> revela o empenho de Merton em criar pontes entre o leste e o oeste, através de sua abertura à mística ortodoxa oriental, cuja espiritualidade tem como meta o repouso em Deus (“*hesychia*”, “*quies*”, “*apatheia*”), que se consegue pela via negativa da ascese (terapia para integrar as paixões) e pela via positiva do seguimento de Jesus. A obra apresenta a profunda admiração de Merton pelas Mães e Pais do Deserto, nas (nos) quais ele buscava inspiração para sua vocação eremítica, a saber: a oração do coração (subtítulo) ou seja, a oração centrante ou oração de Jesus. A dimensão do deserto é constitutiva da fé judaico-cristã: lugar privilegiado do encontro com o mistério de Deus e com a humana fragilidade. Basta lembrar o deserto do êxodo, dos patriarcas, profetas, de João Batista (o precursor); de Jesus, das Mães e Pais

---

<sup>66</sup> BRUTEAU, Beatrice (Org.). *Merton and Judaism: Recognition, Repentance and Renewal: Holiness in Words*. Louisville: Fons Vitae: 2003. (abreviado *MJ*).

<sup>67</sup> DIECKER, Bernardete e MONTALDO, Jonathan. (Orgs) *Merton and Hesychasm: The Prayer of the Heart*. Louisville: Fons Vitae, 2003. (abreviado *MH*).

do deserto; e, não por último, o deserto na cidade (Carlos Carreto) ou de Dom Helder Câmara (“*O Deserto florirá*”<sup>68</sup>). O deserto aqui não é tanto um lugar geográfico, quanto teológico.

A obra *The Intimate Merton*<sup>69</sup> (*IM*) é um compêndio dos sete Diários, por isso divide-se em sete partes. Tem como subtítulo: *His Life in His Journals*. (Sua vida em seus Diários). De fato, desde 1931 Merton escreve diários e neles faz sua morada, sua janela e espelho. Ela condensa os sete volumes dos *Journals* (*Diários*) cujos títulos são: *Run to the Mountain*; *Entering the Silence*; *The Search for Solitude*; *Turning toward the World*; *Dancing in the Water of Life*; *Learning to Love* e *The Other Side of the Mountain*. Traduzida ao português sob o título *Merton na Intimidade* (*MnI*), a obra refaz a trilha acima exposta, na mesma cadeia temática de sete. Significativos os sete sub-títulos, a saber:

- A História de uma Vocação (1939-1941)
- Tornando-se monge e escritor (1941-1952);
- Buscando a verdadeira vida de monge (1952-1960)
- Os anos fundamentais (1960-1963);
- Explorando a solidão e a liberdade (1963-1965);
- O Fim da Viagem (1967-1968).

A obra *MnI* expressa a vida interior profunda de Merton, marcada por intensa oração. Não esconde suas lutas, recuos, e a noite escura da alma e dos sentidos, enfim: a ausência de Deus. Ao mesmo tempo ele abre-se em compaixão pelo mundo (*mahakaruna*). Ele manifesta essa compaixão já nos anos premonásticos, quando estava dividido entre trabalhar como voluntário junto com Catherine de Huech Doherty e com Dorothy Day em favor dos moradores de rua de Nova Iorque, através do movimento *The Catholic Worker* (ainda hoje vivo e ativo, inclusive publicando um jornal do mesmo nome), ou entrar no mosteiro.

A obra *MnI* (= *IM*) é provavelmente a mais citada na presente tese. É como uma trilha aberta que vamos percorrer na floresta das obras mertonianas, identificando-nos com sua experiência como num espelho, pois em tudo elas refletem o rosto de Deus. Nessa obra, como expressa muito bem Brother Patrick

---

<sup>68</sup> CÂMARA, Helder. *The Desert is Fertile*. 2a ed. Nova Iorque: Orbis Books, 1982.

<sup>69</sup> MERTON, T. *The Intimate Merton: His Life from His Journals*. MONTALDO, J. (Org.). Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1999. (*IM*). (Trad. *Merton na Intimidade: Sua Vida em Seus Diários*. Rio de Janeiro: FISUS, 2001 (*MnI*). Usaremos ambas as siglas *IM* e *MnI* em referência à mesma obra.

Hart, o organizador, Merton "registra como deu atenção à voz do Amado, que o chamou de volta do auto-exílio para o jardim do Amor. Somos amados pelo Amor precisamente por sermos as criaturas frágeis e falíveis que somos". (p. XIX).

### 1.9.

#### **Contribuição do estudo para a compreensão da questão envolvida e solução de problemas afins**

O presente trabalho quer ser uma contribuição, ainda que mínima, à reflexão teológica e à espiritualidade no Brasil. Muito se tem escrito sobre a mística mertoniana. Mas até agora ninguém apresentou Merton como precursor da espiritualidade da libertação latino americana, como é o argumento da presente tese. Ser contemplativo em nosso continente significa ser revolucionário, sensibilizar-se com o sofrimento provocado pela exclusão e marginalização de milhares de pessoas pela globalização excludente.

Pelo fato de a espiritualidade atual ter perdido a vinculação explícita entre mística e compaixão, vale dizer, entre a relação de Deus com o problema do sofrimento, queremos fazer desse problema o ponto central de nosso empenho. Trata-se do subir para Deus e o necessário descer ao mundo do humano. A nosso modo de ver, a causa dessa dicotomia está numa errônea visão de Deus (neoplatônica e dualista, pseudo-cristã), com graves conseqüências antropológicas e teológicas).

Ora, a insensibilidade diante do oceano de sofrimento é uma implícita negação do Deus de Jesus Cristo. Julgamos que Merton nos ensina a superar essa apatia e nos ensina a compaixão (*pathos*) pelas criaturas e pelo planeta Terra (em seu coração essencialmente franciscano). Ele aprendeu com são Bernardo que, se necessário, é preciso abandonar a contemplação para servir ao próximo necessitado. Eis aí uma das contribuições que ele nos dá no Terceiro Milênio Entrante.

Compartilhamos com Merton também a verdade de que, falar sobre Deus e silenciar sobre a Guerra do Vietnam (e hoje Iraque) seria uma blasfêmia. Ele o faz a partir da crítica ao poder, em pleno coração da América do Norte, já

transformada numa “Babel armada de bombas, devastadora”,<sup>70</sup> (como expressou seu ex-noviço Ernesto Cardenal). É a falsa *pax americana*. Na verdade, é Babilônia montada sobre a violência e a injustiça, que envenena o mundo e encobre interesses imperialistas, através de Bush. Ele usa a religião e a política para infernizar o mundo, destruir a liberdade e desestabilizar as democracias..

Destarte, Merton buscou des-identificar o cristianismo com a política norte-americana, pretensamente cristã em suas reivindicações, mas atéia em sua práxis, e neopaganizada em seu fundamentalismo e em suas pretensões hegemônicas. Certamente ele proporia para hoje o desafio às Igrejas de resistirem à manipulação de Deus para justificar a guerra, e também consideraria o atual momento como um “*status confessionis*”, como aconteceu com a Declaração de Barmen na Alemanha nazista, e com o “*apartheid*” na África do Sul!

### 1.10.

#### A modo de conclusão

A imensa obra de e sobre Merton (mais de 250 dissertações e teses sobre ele), bem como a bibliografia complementar, formam uma rica fonte de pesquisa, onde vamos buscar inspiração e material para elaborar a presente tese, como humilde contribuição à pesquisa teológica em nosso país. Até o presente momento, apenas uma dissertação de mestrado foi elaborada sobre esse autor aqui no Brasil, contrastando com a criatividade manifestada em outros países, tanto do continente europeu, quanto asiático e africano, sem mencionar os EUA. (Cf., Bibliografia no final). Todos os manuscritos, livros, pinturas, fotografias, multimídia (vídeos, CDs, de e sobre Merton) estão disponíveis aos pesquisadores do país e do exterior, na Biblioteca da Bellarmine University, em Louisville, KY, perpetuando sua obra no tempo, enquanto ele, como monge, desapareceu para a eternidade.

Queremos na presente tese de doutorado aprofundar o eixo central da vida, obra e pensamento de Merton que vemos na trilogia *Mística, Compaixão, Seguimento*. Acreditamos que ao redor desse eixo central gira toda a mensagem mertoniana para o mundo de hoje: a união de contemplação ativa e compaixão

---

<sup>70</sup> CARDENAL, Ernesto. *The Psalms of Struggle and Liberation*. Nova Iorque: Herder and Herder, 1971, p. 72.

dinâmica ou, dito de outro modo, a contemplação na ação, como única forma de vencer a violência e a injustiça crescentes.

Nosso ponto de chegada será atualizar a mensagem mertoniana para hoje, particularmente em nosso contexto latinoamericano. Ao final esperamos tornar evidente nosso argumento de que Merton é de fato o precursor da espiritualidade da libertação e como tal, um paradigma e um ícone do cristão do século XXI, que deve ser a um tempo místico e compassivo.

Resumindo, vimos no pré-texto até aqui, na Introdução: a volta da espiritualidade hoje (ou a “sedução do sagrado”, na feliz expressão de Dra Maria Clara Bingemer); a relevância do tema, a hipótese, objetos formal e material, a problemática, os objetivos; a metodologia; o *status quaestionis*, e a contribuição da pesquisa à solução dos problemas.

A seguir, na PARTE I, vamos apresentar Merton, inserindo-o no seu contexto histórico, cultural e eclesial; as influências recebidas de amigos e livros; seu itinerário espiritual agostiniano-franciscano; sua evolução espiritual e três dentre os vários encontros que marcaram sua teologia e espiritualidade, respectivamente com São Bernardo, Juliana de Norwich e com os grandes problemas do mundo de hoje.